

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



UAlg **FCBS**
UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**A Lisboa ribeirinha e o comércio de cerâmica no
período islâmico: estudo dos materiais cerâmicos
islâmicos provenientes da Casa dos Bicos**

Cristina Guerra Machado

Tese orientada pela Prof.^a Doutora Susana Gómez Martínez,
especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em
História do Mediterrâneo Islâmico e Medieval

2016

Agradecimentos

Quero desde já agradecer à minha orientadora Dr.^a Susana Gómez pela disponibilidade de me acompanhar durante este processo, por todo o apoio dado, tempo dedicado, partilha de conhecimentos, ajuda e sábios conselhos.

Manifesto o meu apreço professor Dr. Clementino Amaro, pela amabilidade e disponibilização da coleção estudada nesta dissertação.

Ao professor Rodrigo Banha da Silva, agradeço-lhe pela disponibilidade que sempre teve para comigo, pelas facilidades de acesso ao depósito do Rego assim como a ajuda para a resolução de dúvidas que foram aparecendo ao longo desta jornada.

À Dr.^a Manuela Leitão pela disponibilidade de envio de documentos, bastante uteis para a bibliografia, desta dissertação.

Por fim mas não menos importante a toda a família e amigos, pelo apoio e compreensão mas sobretudo pela paciência nesta etapa, sei que foi longa e difícil mas felizmente vai-me permitir abrir novos horizontes à minha vida. Agradeço-vos muito. “A felicidade só é real quando partilhada”.

Índice

Resumo/Abstract	5
Palavras-chave	5
1. Introdução	7
a. Tema e objetivos	7
b. Metodologia	8
2. Lisboa Islâmica, estado atual dos conhecimentos	9
a. Historiografia	9
b. Contexto geográfico da altura. Lisboa nos textos árabes. Localização, topografia, hidrografia recursos, enquadramento regional	10
c. Enquadramento administrativo	13
d. Estrutura urbana	14
e. Muralhas e portas	15
f. Alcáçova	16
g. Mesquita e espaços comuns	17
h. Arrabaldes	18
i. Estruturas produtivas	20
j. Cemitérios	21
k. O papel da cidade no contexto regional e nas rotas comerciais	22
3. O sítio – Casa dos Bicos, dados da escavação e contexto arqueológico do espólio estudado	23
4. A cerâmica islâmica da Casa dos Bicos. Campanhas 1981 – 1982	25
5. Formas	27
6. Técnicas de Fabrico da Cerâmica	42
a. Pastas	42
b. Técnicas de Fabrico e Cozedura	49
c. Tratamento de Superfícies	51

d. Técnica Ornamental	53
e. Os Temas Ornamentais	57
7. Cronologia e paralelos	63
8. Conclusão	65
Bibliografia	69
Anexos	73

Resumo

A cidade de Lisboa é sobejamente conhecida pela sua ocupação humana que remonta à Pré-história. A sua importância foi notável durante o período islâmico e até à conquista cristã de 1147 pelas tropas cristãs de Afonso Henriques, mantendo no entanto a sua importância, quer a nível político quer a nível económico.

Com este estudo pretende-se aprofundar e complementar o conhecimento do quotidiano desta população bem como caracterizar as produções e determinar se eram regionais ou exportadas. Para este fim utilizar-se-á o vestígio material mais abundante nas escavações arqueológicas realizadas em contexto urbano, a cerâmica.

Na presente dissertação, será apresentado o estudo da coleção cerâmica islâmica proveniente da Casa dos Bicos, decorrente das campanhas de intervenção arqueológica que tiveram lugar entre 1981 e 1983.

A coleção a ser apresentada é composta por 2453 fragmentos, dos quais 177 possibilitaram a sua identificação funcional. Os fragmentos poderão ser datados entre os séculos X a XII.

Podemos concluir tratar-se de um local de despejos de habitação de famílias muito provavelmente ligadas a atividades rurais e artesanais, onde apesar da maioria dos materiais serem de produção local, estão presentes importações de objetos de luxo provenientes de outras localidades.

Palavras-chave: Lisboa, Período Islâmico, Cerâmica Islâmica, Casa dos Bicos

Abstract

The city of Lisbon is well known for its human occupation, dating as far back as pre historical times. Its importance was remarkable since the Islamic period until the Christian conquest in 1147, by the Portuguese Christian troops, commanded by Afonso Henriques. However, it maintained it's politically and economically importance.

With this study I intend to increase and consolidate knowledge of this people's daily life, as well as to characterize its productions and to know whether they were local or exported. To this end, ceramic material will be used, as it is the more abundant finding at the archaeological excavations carried out in an urban environment.

In this dissertation, it will be presented the study of the Islamic ceramics collection from Casa dos Bicos, product of the archeological intervention campaigns from 1981 to 1983.

The presented collection consists of 2453 fragments, of which 177 enabled its functional identification. The fragments can be dated from X to XIII centuries.

It can be concluded that it was a local of residential rubbish, of families most probably related to rural and craft activities, where although most materials are from local productions, there is also imports of luxury goods from other places.

Key words: Lisbon, Islamic Period, Islamic Pottery, Casa dos Bicos

1. Introdução

a) Tema e objetivos

Esta dissertação prende-se com o estudo da Lisboa (fig. 1) ribeirinha e o comércio de cerâmica no período islâmico, utilizando como base de estudo os materiais cerâmicos islâmicos provenientes da Casa dos Bicos.

A escolha desta coleção de cerâmicas deve-se ao facto de se tratar de uma coleção inédita no seu estudo contribuindo assim para uma melhor compreensão deste local arqueológico, fornecer cronologias, aprofundar o conhecimento das relações comerciais na região e a função primordial desta cerâmica no quotidiano desta população, assim como explorar as suas características de decoração.

Lisboa é vista pelos historiadores como sendo possuidora de uma população considerável em relação às cidades do Garb al-Andalus, seria muito rica a nível económico e comercial, devido sobretudo a situar-se num local de paragem obrigatória para rotas comerciais entre o sul e o norte europeu sendo ladeada de um rio e campos férteis.

O aparecimento de vestígios de produção oleira na cidade Lisboeta é bastante importante para o seu conhecimento arqueológico, assim como do seu comércio interno e das suas rotas externas. A descoberta de centros oleiros durante as escavações no Núcleo Arqueológico Rua dos Correeiros, Mandarin Chinês, Largo das Alcaçarias e Largo do Chafariz em muito contribuíram para esse conhecimento, de que Lisboa era um grande centro de produção oleira para o uso interno na cidade e para exportação, abastecendo muitas localidades em seu redor.

b) Metodologia

Numa primeira fase procedeu-se a uma triagem feita nos contentores onde se encontravam os materiais provenientes da Casa dos Bicos, de forma a separar, a cerâmica islâmica da cerâmica de outros períodos arqueológicos.

A maior dificuldade surgiu durante o inventário, dado não ser sempre possível associar os fragmentos ao seu sector de proveniência.

Primeiramente os 2453 fragmentos foram analisados individualmente segundo a metodologia proposta pelo grupo CIGA (Projeto de sistematização para a Cerâmica Islâmica do Garb al-Andalus) (Fig. 2 e fig. 3), sendo os dados posteriormente inseridos, através da aplicação FileMaker Pro Advance, numa base de dados (Bugalhão *et alii*, 2010). O uso desta metodologia pretende assim vir de encontro a este projeto que se baseia na uniformização da informação, como os nomes dados aos objetos “assim como a definição rigorosa dos elementos designados por cada termo”, para que o cruzamento de informação entre os investigadores seja o mais correto possível (Bugalhão *et alii*, 2010).

A classificação das pastas também levou em consideração a cor, a presença de elementos não plásticos e a sua respetiva identificação e a dimensão conjuntamente com a sua abundancia. Quanto há análise morfológica, todos os fragmentos que compõem a coleção estudada foram analisados, para que pudessem dar-nos a identificação da sua forma funcional ou não. A forma de identificar as peças individualmente procedeu-se usando a sigla: Arq/CB.82 (e o numero da peça). Todas as peças estão marcadas e o seu número mantém-se no texto.

Terminados os registos fotografou-se a maioria dos fragmentos. Toda a informação resultante da análise dos fragmentos foi inserida na base de dados (Anexo em formato digital). A procura de paralelos foi efetuada a partir de livros e artigos de forma a obter-se o máximo de informação necessária, para a datação do maior número de fragmentos possível, sendo que depois a partir de todo o conhecimento obtido pode fazer-se a interpretação a nível da contextualização cultural.

2. Lisboa Islâmica, estado atual dos conhecimentos

a. Historiografia

O interesse pela história medieval islâmica no território nacional é muito recente, tendo-se iniciado na década de 1970. Em meados dos anos 80 do século XX há escavações arqueológicas com metodologia científica moderna no país em geral e em Lisboa em particular.

Lisboa na década de 90 era vista pelos historiadores como uma cidade marginal do mundo islâmico a nível geográfico e político e por consequência com pouca importância política e administrativa (Silva, 2010: 38).

Nos primórdios das análises de síntese sobre Lisboa islâmica e devido sobretudo à falta de informações, destaca-se os artigos feitos por Cláudio Torres (1994), que veem pela primeira vez sugerir um perímetro para o tamanho da cidade assim como o número de habitantes, os artigos feitos por José Luís de Matos (1996), e os artigos de Clementino Amaro (1998), um dos arqueólogos pioneiros na abordagem de locais de ocupação islâmica como a Casa dos Bicos e os Claustros da Sé. Também é importante o trabalho realizado por Jacinta Bugalhão aquando do projeto POLIX – Produção oleira no arrabalde ocidental de Lisboa islâmica, que individualmente e em conjunto com outros arqueólogos nomeadamente Deolinda Folgado, Ana Sofia Gomes, Maria João Sousa e Susana Gómez, escreveram alguns artigos científicos relativos aos dados de estudo deste projeto. Houve outros artigos que também contribuíram fortemente para o estudo de Lisboa islâmica. O projeto integrado na Alcáçova de São Jorge com artigos feitos pelas arqueólogas Alexandra Gaspar, Ana Sofia Gomes e Maria Isabel Dias e o projeto GARB – Sítios Islâmicos do Sul Peninsular com artigos de Clementino Amaro, Maria Isabel Dias e Ana Sofia (Lacerda, *et alii*, 2001).

b. Contexto geográfico, Lisboa nos textos árabes, localização topográfica, recursos e enquadramento regional

Lisboa era já desde a época romana uma cidade de relativa importância, bem habitada, com bom desenvolvimento a nível das atividades económicas, principalmente as piscícolas ligadas ao rio Tejo. Não é portanto de estranhar que após a conquista islâmica houvesse um reaproveitamento dos espaços habitacionais, artesanais e os de comércio, continuando a cidade a expandir-se a nível económico político e social (Bugalhão e Queiroz, 2006).

Seria uma cidade romana densamente povoada, devendo ter entre 30 000 a 40 000 habitantes. O crescimento demográfico de Lisboa deu-se após a época de Augusto, com o aumento populacional progressivo, fruto da sua tranquilidade, do seu desenvolvimento económico e social (Silva, 2010:40). A área habitacional nos primórdios do século IV iria desde o Castelo até à rua dos Bacalhoeiros, e da rua Augusta até ao Chafariz d' El Rei (Silva, 2010:46). A denominada zona ribeirinha era habitada por gentes ligadas às atividades industriais e portuárias, principalmente no que respeita às atividades piscatórias (Silva, 2010: 47). Olissipo era uma cidade com relativa importância tendo em conta os centros urbanos e portuários da época romana. “O esplendor de Olissipo provinha do facto de ser um centro de atracção, polo recetor e distribuidor de produtos que chegavam por via marítima nomeadamente do Mediterrâneo” (Silva, 2010:50).

A tomada islâmica da cidade de Lisboa ocorre no ano de 714. Não é de estranhar portanto que após a sua conquista por tropas muçulmanas a cidade continue a manter a sua importância (Torres, 1992:392).

Em 798 e após a toma efémera da cidade por Afonso II, é que se fez sentir uma grande reação omíada por parte dos seus governantes. Foi criado por Al- Hakam I um conjunto de distritos governados e controlados por Córdova a nível fiscal, militar, civil e judicial, de forma a salientar que a ocupação islâmica estava cada vez mais enraizada na vida quotidiana destas gentes. (Silva, 2010:56).

Lisboa era dotada de uma população considerável, e muito rica a nível económico e comercial devido a situar-se num local de importantes rotas comerciais e ladeada de um rio e campos férteis (Silva, 1971:63 e Bugalhão,2009:380).

É visível na sua toponímia o domínio do islão nesta época, para além de que passou a estar sobre um controlo efetivo de governadores (‘amil) (Silva, 2010:64). Uma das descrições mais interessantes de Lisboa é-nos dada por um Cruzado no momento da conquista cristã. Há contudo que levar em conta por vezes o exagero da realidade relatado pelos seus autores. A descrição do Cruzado na carta a Osberno mencionava que “A norte do rio [Tejo] está a cidade de Lisboa, no alto dum montem arredondado e cujas muralhas, descendo a lanços, chegam até há margem do Tejo, separado apenas pelo muro. Ao tempo a que a ela chegámos, era o mais opulento centro comercial de toda a África e duma grande parte da Europa. (...) Os seus terrenos, bem como os campos adjacentes, podem comparar-se aos melhores, e a nenhuns são inferiores, pela abundância do solo fértil, quer se atenda há produtividade das árvores, quer da vinha. O alto do monte é cingido por uma muralha circular, e os muros da cidade descem a encosta, à direita e à esquerda, até à margem do Tejo. Ao sopé dos seus muros existem arrabaldes alcandorados nos rochedos cortados a pique... A sua população era mais numerosa o que se pode imaginar” (Anónimo segundo Silva, 2010).

A cidade de Lisboa como já se referiu anteriormente situava-se longe dos centros políticos de grande destaque do al-Andalus junto ao rio Tejo. Em certos casos esta cidade era preterida em detrimento de outros aglomerados populacionais como Sintra, Santarém ou Alcácer do Sal. No entanto é muitas vezes referida pela sua dimensão, quer territorial, quer habitacional, devido às suas atividades comerciais, pelos campos férteis, e pela sua localização geoestratégica, sendo o rio Tejo uma vasta rota comercial de entrada e saída de produtos vindos de várias cidades (Bugalhão e Gómez, 2005:239).

Esta ligação às rotas comerciais por via marítima era bastante importante para Lisboa permitindo assim a entrada de novos produtos, mas também a implementação de uma vida comercial local que permitia a exportação de produtos produzidos internamente a vários locais do Mediterrâneo. Apesar de pouco se saber sobre a circulação monetária nesta região do al- Andalus, esta existia e era bastante intensa nos últimos tempos de ocupação islâmica da cidade. Os principais conjuntos numismáticos conhecidos datados desta época são o tesouro da Lapa do Fumo e o da Sé de Lisboa (Bugalhão e Gómez, 2005:239).

Lisboa é citada em alguns textos de escritores árabes, quer seja pelo seu território, os seus produtos, fertilidade dos seus campos, etc.

Al-Razi localiza Lisboa a ocidente de Beja e Córdoba, uma terra de grande fertilidade e com grande lavoura na agricultura, pesca e caça, bem como elogia bastante o mel fabricado (Sidarius e Rei, 2001:40).

Al-Idrisi localiza Lisboa a norte do rio Tejo, o mesmo rio da cidade de Toledo. Seria uma cidade primorosa, contendo vista a sul para Almada e com muralha e alcáçova. No centro da cidade existiriam termas (Sidarius e Rei, 2001:49).

c. Enquadramento administrativo

Apesar do seu grande aglomerado habitacional e pujança económica, Lisboa no contexto do al- Andalus era uma cidade sem força política e administrativa, muito devido há enorme distância geográfica dos grandes centros políticos dessa época como Córdoba, Badajoz, Sevilha e Mérida. Os documentos da época pouco se referem aos aspetos políticos e administrativos desta cidade. A falta de conhecimento ou informações sobre os acontecimentos políticos e militares desvalorizavam-na um pouco, independentemente da sua boa pujança económica e comercial. (Bugalhão,2009:379 e 380 e Bugalhão e Gómez, 2005:238).

No século XI (durante o período dos reinos de taifas) e apesar de inúmeras tentativas Lisboa nunca conseguiu autonomizar-se fazendo assim parte do centro político e administrativo dominado por Badajoz (Bugalhão e Gómez, 2005:238).

A vida económica e comercial da cidade, e muito pelo motivo da sua localização junto ao rio Tejo, permitiu e justificou este enorme crescimento (Bugalhão e Gómez, 2005:238).

d. Estrutura urbana

No final do século X assiste-se a um aumento demográfico significativo da população muito devido ao aumento das trocas comerciais por todo o al- Andalus que fariam a entrada de novas gentes na cidade ser facilitada.

Com a alcáçova situada no topo da colina e a medina bem povoadas, a expansão demográfica obriga à saída da muralha por parte da população, sendo necessário criar novos espaços de habitação. É desta forma que nascem os novos arrabaldes da cidade que se deslocam na direção do rio, em que as principais atividades comerciais seriam a pesca e o artesanato (Torres, 1992:392, Torres, 1994:83 e Bugalhão, 2009:383).

As escavações arqueológicas colocaram a descoberto espaços habitacionais no bairro islâmico na Praça Nova do Castelo de S. Jorge, no arrabalde da Praça da Figueira, nos Claustros da Sé, no Núcleo arqueológico da rua dos Correeiros, nos armazéns Sommer e na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva (Bugalhão, 2009:383). A partir de 809 começa-se realmente a verificar uma islamização da cidade de Lisboa que para além de um comércio fértil, teria uma independência económica, política, religiosa e social que abrangeria todo o seu território envolvente (Torres:1992:303).

No interior da “Cerca da Moura”, antiga muralha construída pelos romanos e refeita e reutilizada em época islâmica, localizava-se a cidade de Lisboa, que seria povoada desde o alto da sua colina até ao rio Tejo.

Extra muros e na área que seria depois aglomerada pela Cerca Fernandina localizava-se os arrabaldes de Lisboa (Silva, 2010:84).

e. Muralhas e portas

Al-Munim al Himiari descreve Lisboa como uma cidade antiga à beira mar estendida, cujas ondas aquando da maré cheia vinham quebrar contra as suas muralhas. A porta Ocidental era a maior da cidade, que possuía ainda outras portas. A Porta da Alfama situada a Ocidente que dominava um vasto plano, atravessado por duas ribeiras que iam, lançar-se ao mar. A Porta do Mar, situada a Sul, na qual penetravam as ondas pela maré cheia. A Leste situava-se a Porta da Alfama protegida por uma torre albarrã que abria as portas ao comercio de ourives, dos prateiros e dos borcados, ficava próxima da fonte termal situada junto ao mar, cujas termas seriam abobadadas e nas quais brotaria água quente e fria e que a maré cobria. Por fim a Porta do Cemitério que se situaria a Leste.

f. Alcáçova

No alto da colina no Castelo de São Jorge e onde hoje se localiza o bairro de Santa Cruz, situava-se a alcáçova, numa área protegida por muralhas e colocada estrategicamente na cidade de Lisboa (Matos, 2001:80).

A sua elevação permitia um vislumbre sob toda a cidade e o rio Tejo. Era habitada pelo alcaide (governador) e pelas pessoas de quem a corte dependia, existindo ainda espaços destinados aos serviços administrativos, á cobrança de impostos, recrutamento militar e áreas de habitação para os funcionários e militares (Amaro, 1998:62).

g. Mesquita e espaços comuns

Da mesquita (atual Sé de Lisboa), que foi construída em plena medina nos meados ou finais do século XI, pouco se sabe, mas que passando a Porta do Ferro, descia-se a encosta até ao rio. Considerada como Monumento Nacional a atual Sé de Lisboa sofreu intervenções arqueológicas de 1990 até 1998. Foi permitido assim verificar o reaproveitamento de estruturas romanas no período islâmico mas com novas funções (Amaro, 1998:171). Os materiais encontrados e o seu estudo levaram à interpretação de que possivelmente estava-se perante espaços da antiga mesquita.

No bairro de Alfama eram onde se situariam os banhos quentes, aliás não é de estranhar pois se olharmos para o termo árabe do bairro al-hamma este significa «termas, fontes de água quente», e há que referir que as nascentes asseguravam o abastecimento da água à população e às suas atividades quer diárias quer comerciais (Silva, 2010:85 e 86).

h. Arrabaldes

Fora de portas, a ocidente e oriente (Alfama) implantava-se dois arrabaldes ribeirinhos, na margem do Tejo e do esteiro da baixa, projetando um perímetro urbano de cerca de 15 hectares, albergando entre 20 a 30 mil habitantes no século XI (Torres, 1992:362). Atualmente e com todos os novos dados a que se teve acesso, a área urbana seria de 50 hectares.

Uma questão pertinente é a localização dos arrabaldes ribeirinhos, cujas escavações arqueológicas nos permitem cada vez mais definir os seus limites.

O arrabalde Ocidental da cidade situava-se no alto da encosta da Mouraria estendendo-se até à zona ribeirinha. Nele situam-se sítios arqueológicos como o Núcleo Arqueológico (BCP), Mandarin Chines, Fundação Ricardo Espírito Santo, Praça da Figueira, Termas dos Clássicos (calçada do Correio Velho), Palácio dos Condes de Penafiel, Rua de São Mamede nº9, Rua das Pedras Negras nº22-28, Rua dos Correeiros e Rua do Comercio/Rua de São Julião (Matos, 2001:80 e Bugalhão, 2009:383).

Localizando-se entre as Ruas Augusta e dos Correeiros, o Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros sofreu intervenções de âmbito arqueológico entre 1991 e 1995. Próximo da zona ribeirinha, o local padecia de uma ocupação urbana, praticamente sem hiatos, desde o século V d.C. até à reconstrução pombalina da cidade. As estruturas encontradas foram classificadas como sendo de função habitacional e ligadas a atividades industriais, artesanais e comerciais (Bugalhão, Gomes, Sousa, 2003:129).

Na baixa pombalina, entre as ruas Augusta e a dos Sapateiros, encontra-se o Mandarin Chinês. Tal como o Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros apresentava uma continuidade na sua ocupação desde a época romana até à reconstrução pombalina. As estruturas encontradas durante os trabalhos arqueológicos são também de carácter habitacional e ligados às atividades industriais, artesanais e comerciais. É de referir também a sua localização junto da zona ribeirinha e todas as conclusões que isto acarreta (Bugalhão, Sousa e Gomes, 2004:576).

A Praça da Figueira foi alvo de uma escavação arqueológica durante os anos de 1999 a 2001, devido à construção de um parque de estacionamento subterrâneo. No decorrer da escavação vários foram os objetos de interesse encontrados. No sector ocidental da escavação foi posta a descoberto uma estrada do período islâmico,

demonstrando grande qualidade de construção, denota para além das boas condições políticas e económicas da altura, um avultado investimento por parte do mandatário. O espólio exumado do local remete de uma forma geral para a segunda metade do século XI. No sector sudoeste da intervenção arqueológica, pôs-se a descoberto um conjunto de estruturas habitacionais em razoável estado de conservação. Estes locais de habitação seriam de dimensões reduzidas, remontando para o baixo estatuto económico e social das pessoas que os habitavam. A sua ocupação data da primeira metade do século XII durante o domínio almorávida da cidade. Tendo em conta os achados arqueológicos no local, o seu abandono deverá ter ocorrido durante os meados do século XII (Banha da Silva, 2002: s.p)

Situado na zona de Alfama o arrabalde oriental, onde existiam os banhos quentes, é segundo o viajante árabe Edrici, o centro da cidade islâmica de Lisboa (Matos, 2001:81). Veem confirmar estas informações as escavações na Rua de São João da Praça, Largos das Alcaçarias, Largo do Chafariz de Dentro, Rua de São Miguel nº53, Pátio da Senhora da Murça e Rua dos Remédios (Bugalhão, 2009:383). De salientar a importância de todos os achados arqueológicos destas escavações que permitiram compreender a grande dimensão desta cidade (Bugalhão e Gómez, 2005:238).

Aquando das obras de ampliação e restauro da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, deu-se a sua intervenção de emergência arqueológica (Gomes e Sequeira, 2001:103). As estruturas descobertas foram identificadas como pertencentes a espaços habitacionais, que contribuíram para o estudo da arquitetura doméstica do período de transição de época islâmica para época cristã (Gomes e Sequeira, 2001:110).

i. Estruturas produtivas

A descoberta de vestígios de produção oleira na cidade de Lisboa é bastante importante para o seu conhecimento arqueológico, assim como, do seu comércio interno e das suas rotas externas. A descoberta de centros oleiros durante as escavações no Núcleo Arqueológico Rua dos Correeiros, Mandarin Chinês, Largo das Alcaçarias e Largo do Chafariz em muito contribuíram para esse conhecimento, sendo Lisboa um grande centro de produção oleira para o uso interno da cidade e para a sua venda ao exterior abastecendo muitas cidades ao seu redor. “Os oleiros de Lisboa abasteciam-se nos barreiros existentes na própria cidade: nas “Argilas do Forno do Tijolo” (Alto de Santa Catarina/Santos) e nas “Areolas da Estefânia” (Mouraria/Anjos) (Bugalhão, Gomes, Sousa, 2003:128).

De 1991 a 1996 foram intervencionados dois locais arqueológicos, o Mandarin do Chinês e o Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (BCP). Foi de enorme sucesso e importância do ponto de vista arqueológico, pois pela segunda vez em Portugal foram escavados um conjunto de fornos de produção cerâmica datados do final do século X ao XII (Bugalhão, Gomes, Sousa, 2003:129). Veio permitir assim consolidar a ideia de que no arrabalde oriental de Lisboa existiria um bairro oleiro de produção e consumo local bem como a sua localização próxima à zona ribeirinha facilitaria a exploração das atividades comerciais permitindo o escoamento, distribuição e comercialização dos produtos (Bugalhão, Gomes, Sousa, 2003:130 e 143).

Junto à beira do rio estruturava-se a cidade baixa onde pescadores artesão e comerciantes praticavam as suas atividades. Para além de uma intensa atividade portuária, as atividades de construção e reparação navais eram levadas a cabo por carpinteiros e calafates (Amaro, 1998:62).

Também se constatou a transformação de alimentos reutilizando as antigas estruturas de salga de peixe (Bugalhão e Queiroz, 2006).

j. Cemitérios

Relativamente aos cemitérios islâmicos na cidade de Lisboa pouco foi escrito. São assim breves os apontamentos referentes a este tema. Junto a Porta da Alfafa na Ermida de São Mamede deveria localizar-se um dos cemitérios cristãos-muçárabes e perto da Porta do Sol que abria para o almocávar muçulmano onde deveria estar o cemitério paleocristão, por fim nas vertentes do moro da Graça existiriam dois campos mortuários sendo um deles muçulmano (Amaro, 1998:62).

Estas informações que aqui acrescentamos são fruto das conferências apresentadas no coloquio Lisboa islâmica e as suas necrópoles, decorrido a 23 de Maio de 2015 no Museu Arqueológico do Carmo. Sendo assim são mais dois locais onde foram postos a descoberto alguns esqueletos.

Situada na freguesia de Santa Maria Maior a necrópole dos Lagares colocou a descoberto cerca de cinco esqueletos não completos em decúbito lateral e orientados a Meca, no entanto a descoberta de materiais nos sedimentos ligados aos esqueletos levanta algumas questões, sendo uma das teorias o contacto direto com população cristã levar á adoção de alguns dos seus rituais. Espera-se pela publicação dos resultados do estudo que será efetuado pelas arqueólogas responsáveis por esta escavação, Inês Mendes da Silva e Lucy Evangelista.

Na necrópole islâmica do arrabalde ocidental foram postos a descoberto cinco enterramentos, todos eles á exceção de um (decúbito dorsal) encontravam-se em decúbito lateral direito orientados a Meca e parcialmente cortados pelas fundações das paredes de uma casa, para além disso encontravam-se em mau estado de conservação e foram encontrados sem adornos. Foram avançados alguns resultados dos dados como o género dos esqueletos ou as suas patologias. Aguarda-se o estudo que será efetuado pelas arqueólogas responsáveis por esta escavação, Vanessa Filipe e Joana Inocência.

k. O papel da cidade no contexto regional e nas rotas comerciais

A intensificação do comércio marítimo pelas costas andaluza e magrebina, ligadas quer a rotas regionais fluviais quer a rotas terrestres, é um dos fatores do desenvolvimento urbano da cidade de Lisboa (Bugalhão e Gómez, 2005:239).

No século X e muito devido à navegabilidade do rio Tejo, o comércio que ligava a região de Badajoz a Alcácer do Sal e Lisboa faz-nos ver os laços criados entre o fator estratégico e a economia. É devido a este rio navegável que muitas cidades vão ganhar prestígio por esta altura, incluindo Lisboa (Silva, 2010:63).

As rotas comerciais permitiam no entanto a chegada à cidade de cerâmica provavelmente proveniente de outros grandes centros oleiros como Sevilha, Córdova, Dénia, Toledo, Pechina e Almeria (Bugalhão, 2009:386 e 387).

A via usada para o comércio seria a rota Lisboa-Santarém-Mérida. No meio rural a rota encontrava-se protegida pela fortificação omíada do Senhor da Boa Morte (Vila Franca de Xira) os castelos de Alverca e Alhandra, a ermida de Santa Iria da Azoia e as fortificações de Povos e Alenquer (Silva, 1971:69).

3. O sítio – Casa dos Bicos, dados da escavação e contexto arqueológico do espólio estudado

Construída em 1523 por Brás de Albuquerque e classificada monumento nacional em 1910, a Casa dos Bicos (fig. 4), que é propriedade da Camara de Lisboa, situa-se na Rua dos Bacalhoeiros em Alfama, ao fundo da encosta sul do Castelo de S. Jorge e junto ao que era o antigo leito do rio Tejo (Amaro,1982:15).

A primeira intervenção arqueológica deu-se em Maio de 1981, com o objetivo de adaptar a casa para receber a XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura. As várias intervenções decorridas nem sempre foram fáceis quer pelas condições do local quer pelos objetivos a serem cumpridos e pelas obras decorrentes em paralelo como relata Clementino Amaro. A primeira ocupação do espaço esteve a cargo dos romanos que o utilizaram para construir um complexo fabril de salga e conserva de peixe. A nível da ocupação islâmica os vestígios de utilização deste local são mais escassos tendo-se localizado duas pequenas bolsas de cerâmica árabe. Esta zona funcionaria como local de despejo de entulho e desperdícios da cidade. É de salientar também a tentativa bem-sucedida de integração de algumas estruturas arqueológicas na remodelação do espaço que atualmente alberga a Fundação José Saramago (Amaro,1982: 96, 97, 98, 100 e 101) (Fig. 5, 6 e 7).

A contextualização do espólio estudado foi uma tarefa algo difícil, principalmente porque nem todos os 2453 fragmentos tinham indicação do sector proveniente. De facto como é possível ver no gráfico nº1 somente em 269 fragmentos é possível dizer o quadrado em que foram descobertos. No quadrado A foram descobertos 72 fragmentos correspondendo a 27%, no sector B foram descobertos 119 fragmentos correspondendo a 44%, no sector C não foram descobertos fragmentos, no sector D foram descobertos 22 fragmentos correspondendo a 8%, no sector E foram descobertos 5 fragmentos correspondendo a 2% e no sector F foram descobertos 51 fragmentos correspondendo a 19%.

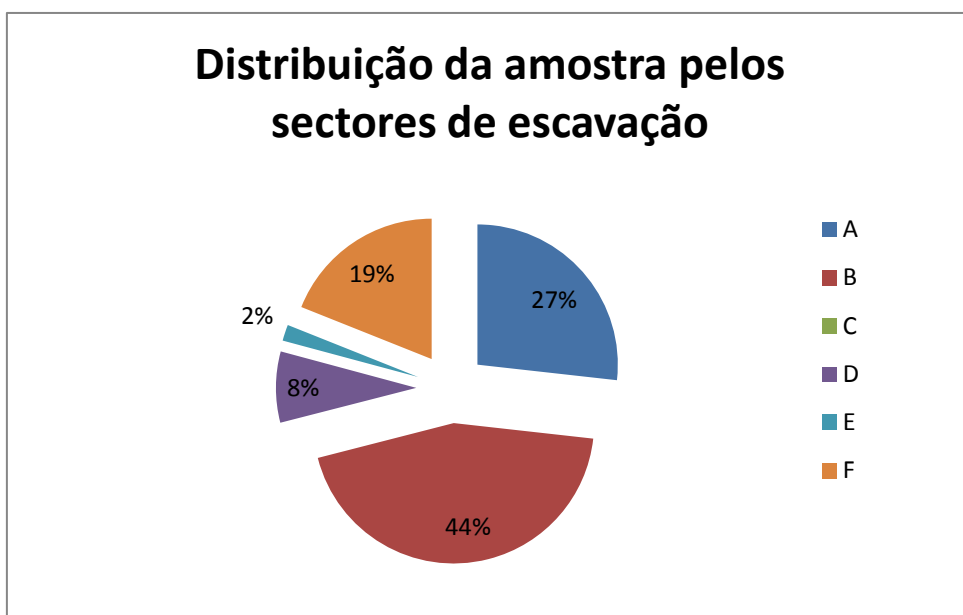


Gráfico nº1 – Distribuição da amostra pelos sectores de escavação

Na quadrícula A é possível atribuir-se a identificação de um jarro, 13 panelas e uma caçoilas. Na quadrícula B foi possível atribuir-se a identificação de uma panela. Apesar da existência de mais quadrículas e tendo em conta a escassez de informação dos sectores de proveniência das peças estudadas nesta coleção, não foi possível assim apurar a existência de outras formas funcionais nas restantes quadrículas.

4. A cerâmica islâmica da Casa dos Bicos. Campanhas de 1981 – 1982.

“O nosso conhecimento da cerâmica dos primeiros séculos do domínio islâmico no Gharb al – Andalus é muito reduzido”, sabe-se apenas que a cerâmica comum é predominante e que a diversidade tanto tipológica como decorativa é muito escassa. O reportório cerâmico do século IX é muito parco, sucessor do legado de produções locais da Antiguidade Tardia que começa a ter a sua evolução a partir do século X – XI (Gómez, 2006:99).

As influências vindas os territórios do Islão vêm permitir que lentamente a cerâmica do século X passe, a ter características mais definidas, e com mais variedade técnica e ornamental, afastando-se assim do legado vindo da Antiguidade Tardia. É no século X que surgem as mudanças mais importantes na cerâmica islâmica, passando a ter características morfológicas, técnicas e iconográficas distintas (Gómez, 2006:100).

Esta amostra é composta, como anteriormente foi referido, por 2453 fragmentos: como se pode verificar no gráfico nº 2: 25% correspondem a 606 bordos, 57% correspondem a 1419 a bojos, 8% corresponde a 204 a asas, 6% corresponde a 152 bases, 3% corresponde a 65 bordos com asa e 1% corresponde a 7 bases com pé anelar.

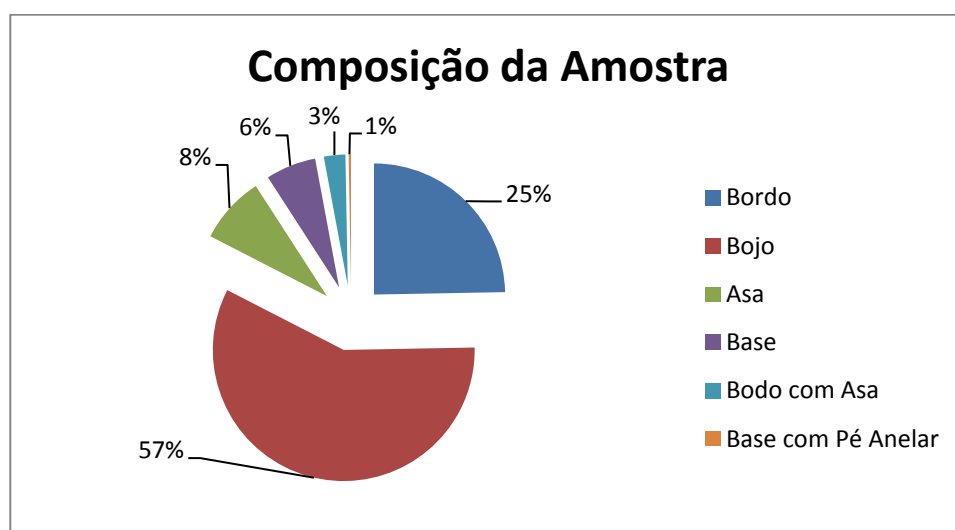


Gráfico nº 2 – Composição da amostra

Podemos, pois, concluir uma extrema fragmentação dos objetos de estudo, com as consequentes repercussões no que diz respeito à informação que fornecem, facto que não nos permite obter tantas respostas como gostaríamos. No entanto foi possível verificar algumas formas funcionais, bem como datar algumas peças.

Pode-se concluir também que se trataria de uma deposição secundária. As vasilhas não foram abandonadas num contexto de ocupação ou de abandono de vivendas. Tratar-se-á de despejos domésticos que, pela elevada fragmentação da amostra, terão sido trasladados para um depósito secundário, para um outro local, como entulho, ou remexidos por motivo de obras sem poder determinar quais foram estas.

5. Formas

O facto de a coleção estar muito fragmentada impossibilitou a identificação das formas funcionais da maior parte dos seus fragmentos. Tal facto é evidente no gráfico nº3 onde se verifica que 92,7% da coleção é indeterminada (correspondendo a 2276 fragmentos), 6% é classificada como louça de cozinha (139 panelas e uma caçoila), 1% classificado como louça de mesa (5 jarrinhas, 7 jarras, 3 jarros, 2 pratos, 3 traças, 3 jarrinhos/púcaros e 11 tigelas), 0,2% classificado como objetos de uso lúdico e ritual (duas pedras de jogo) e por fim correspondendo a 0,1% da coleção temos o grupo de objetos de iluminação (um candil).

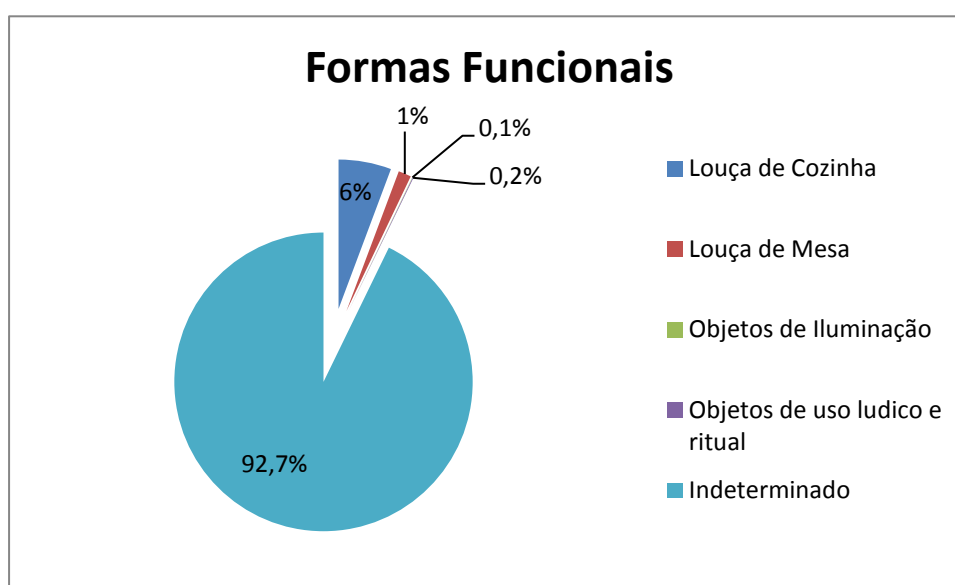


Gráfico nº3 – Formas Funcionais

5.1- Formas de cozinha

5.1.1. Panela

Definição de Panela: objeto de forma fechada, corpo globular e colo diferenciado, com uma ou duas asas e boca de tamanho médio, que pode ser facilmente tapado. Costuma apresentar marcas de fogo (Bugalhão *et alii*, 2010).

Panela 1 A

Peças exemplo: 2091, 510, 2780 (Fig. 8)

Características morfológicas: caracteriza-se por ter o bordo vertical com lábio arredondado e colo cilíndrico curvo. Sem nenhum fragmento que possua asas ou fundo é impossível descrever o resto das suas características.

Características técnicas: normalmente as pastas são alaranjadas ou cinzentas com abundância de elementos não plásticos. Fabrico a torno. Demonstram grandes sinais de uso nomeadamente marcas de fogo.

Paralelos: Loulé (Luzia, s.d), Mértola (Torres, 1987), Lisboa (Gomes *et alii*, 2001), Silves (Gonçalves, Pires, Mendonça, 2009).

Cronologia: X ao XII

Panela 1B

Peças exemplo: 881, 1192, 2386 (Fig. 9)

Características morfológicas: caracteriza-se por ter um bordo vertical com lábio triangular e colo cilíndrico reto. Sem nenhum fragmento que possua asas ou fundo é impossível descrever o resto das suas características.

Características técnicas: normalmente as pastas são alaranjadas ou cinzentas com existência de alguns elementos não plásticos. Demonstram sinais de uso predominando a existência de marcas de fogo.

Paralelos: Santarém (Ramalho *et alii*, 2001), Loulé (Luzia, s.d), Lisboa (Gomes *et alii*, 2001), Silves (Gonçalves, Pires, Mendonça, 2009).

Cronologia: X – XII

Panela 1C

Peças exemplo: 525, 2624, 2366 (Fig. 10)

Características morfológicas: caracteriza-se por ter um bordo vertical com um lábio plano e colo cilíndrico reto. Sem nenhum fragmento possuindo asas ou fundo é impossível descrever o resto das suas características.

Características técnicas: verifica-se o uso de pastas alaranjadas, cinzentas ou pretas com alguns elementos não plásticos presentes. Fabrico a torno. Encontram-se marcas de uso predominando a existência de marcas de fogo.

Paralelos: Loulé (Luzia, s.d), Mértola (Torres, 1987), Lisboa (Gomes *et alii*, 2001), Palmela (Fernandes, 1993)

Cronologia: X-XII

Panela 1D

Peças exemplo: 1410, 2449, 2420 (Fig. 11)

Características morfológicas: caracteriza-se por ter um bordo vertical com lábio semicircular e colo cilíndrico reto. Sem fragmentos incluindo asas ou fundos é impossível descrever o resto das suas características.

Características técnicas: verifica-se o uso de pastas alaranjadas, cinzentas e pretas com vários elementos não plásticos presentes. Fabrico a torno. Verifica-se marcas de uso predominando as marcas de fogo.

Paralelos: Salir (Catarino 1997/98), Santarém (Ramalho *et alii*, 2001), Loulé (Luzia, s.d), Mértola (Torres, 1987).

Cronologias: X – XII

Panela 1E

Peças exemplo: 1351, 2200, 2133 (Fig. 12)

Características morfológicas: caracteriza-se por ter um bordo vertical com lábio biselado e colo troncocónico reto. Inexistência de asas ou fundos o que impossibilita descrever as restantes características.

Características técnicas: uso de pastas cinzentas e alaranjadas com vários elementos não plásticos presentes. Marcas de uso evidenciando-se as de fogo.

Paralelos: Lisboa (Gomes *et alii*, 2001), Alcácer do Sal (Carvalho *et alii*, 1994), Silves (Gonçalves, Pires, Mendonça, 2009), Santarém (Ramalho *et alii*, 2001)

Cronologias: X – XII

Panela 1F

Peças exemplo: 2627, 2630 (Fig. 13)

Características morfológicas: caracteriza-se por ter um bordo vertical com lábio em asa e colo troncocónico invertido reto. Sem fragmentos que incluam asas ou fundos é impossível descrever o resto das características.

Características técnicas: verifica-se o uso de pastas cinzentas e alaranjadas com presença de elementos não plásticos. Fabrico a torno. Marcas de uso sendo elas marcas de fogo.

Paralelos: Silves (Gonçalves, Pires, Mendonça, 2009)

Cronologias: X – XII

5.1.1.2. Panela 2. Panela de bordo extrovertido

Panela 2 A

Peças exemplo: 2446, 2413, 2416 (Fig. 14)

Características morfológicas: caracteriza-se por ter um bordo extrovertido com lábio semicircular e colo cilíndrico reto. Sem nenhum fragmento que possua asas ou fundos é impossível descrever o resto das suas características.

Características técnicas: uso de pastas alaranjadas e pretas com a presença de elementos não plásticos. Fabrico a torno. Existência de marcas de fogo.

Paralelos: Loulé (Luzia, s.d), Mértola (Torres, 1987)

Cronologias: XI – XII

Panela 2B

Peças exemplo: 2415, 2513, 1959 (Fig. 15)

Características morfológicas: caracteriza-se por ter um bordo extrovertido com lábio em asa e colo cilíndrico reto. Sem fragmentos que incluam asas ou fundos é impossível descrever o resto das suas características.

Características técnicas: uso de pastas de predominância alaranjadas com a presença de elementos não plásticos. Fabrico a torno. Existência de marcas de fogo.

Paralelos: Mértola (Torres, 1987), Lisboa (Gomes *et alii*, 2001), Silves (Gonçalves, Pires, Mendonça, 2009)

Cronologia: XI – XII

Panela 2C

Peça exemplo: 2224 (Fig. 16)

Características morfológicas: caracteriza-se por ter um bordo extrovertido com lábio triangular e colo cilíndrico reto. Sem fragmentos que incluam asas ou fundo é impossível descrever o resto das suas características.

Características técnicas: uso de pastas alaranjadas com a presença de elementos não plásticos. Fabrico a torno. Verifica-se marcas de uso predominantemente marcas de fogo.

Paralelos: Mértola (Torres, 1987)

Cronologias: XI – XII

Panela 2D

Peças exemplo: 2651, 2208 (Fig. 17)

Características morfológicas: caracteriza-se por ter um bordo extrovertido com lábio arredondado e colo troncocónico invertido reto. Sem nenhum fragmento que possua asa ou fundo é impossível descrever o resto das suas características.

Características técnicas: uso de pastas cinzentas e pretas com presença de elementos não plásticos. Fabrico a torno. Verifica-se marcas de uso predominantemente marcas de fogo.

Paralelos: Santarém (Ramalho *et alii*, 2001), Alcácer do Sal (Carvalho *et alii*, 1994)

Cronologias: X – XII

5.1.1.3. Panela 3. Panela de bordo introvertido com uma única variante

Panela 3 A

Peças exemplo: 1963 (Fig. 18)

Características morfológicas: caracteriza-se por ter um bordo introvertido com lábio semicircular e colo cilíndrico reto. Sem nenhum fragmento que possua asa ou fundo é impossível descrever o resto das suas características.

Características técnicas: uso de pastas alaranjadas com presença de elementos não plásticos. Fabrico a torno. Verifica-se marcas de uso predominantemente marcas de fogo.

Paralelos: Lisboa (Gomes *et alii*, 2001)

Cronologia: XII

5.1.2. Caçoila

Definição de caçoila: objeto de forma aberta, de corpo mais largo do que alto, de tendência cilíndrica ou troncocónica invertida. Costuma apresentar marcas de fogo (Bugalhão *et alii*, 2010).

Caçoila

Peça exemplo: 2674.2675.2676 (Fig. 19)

Características morfológicas: caracteriza-se por ter um bordo extrovertido com lábio triangular com corpo cilíndrico reto. Sem fragmentos que incluam asas ou fundos é impossível descrever o resto das suas características.

Características técnicas: uso de pastas alaranjadas com presença de elementos não plásticos. Fabrico a torno. Verifica-se marcas de uso predominantemente marcas de fogo.

Paralelos: Lisboa (Gomes *et alii*, 2001)

Cronologia: XI

5.2 Formas de iluminação

5.2.1. Candil

Definição de candil: objeto de iluminação ostentando depósito fechado (Bugalhão *et alii*, 2010).

Candil

Peça exemplo: 2772 (Fig. 20)

Características morfológicas: composto por um bico de candil.

Características técnicas: uso de pastas acastanhadas com a presença de elementos não plásticos e pintura de traços verticais a cor branca. Verifica-se marcas de uso predominantemente marcas de fogo.

Paralelos: Lisboa (Gomes *et alii*, 2001)

Cronologia: IX-X

5.3. Loiça de mesa

5.3.1 Tigela

Definição de tigela: é um objeto de forma aberta, de corpo semiesférico e de tamanho variável mas de diâmetro da boca superior a 150mm (Bugalhão *et alii*, 2010).

5.3.1.1. Tigela 1 de bordo introvertido

Tigela 1 A

Peça exemplo: 2203 (Fig. 21)

Características morfológicas: caracteriza-se por ter um bordo redondo com lábio introvertido e corpo calote ovoide. Sem fragmento que inclua fundo é impossível descrever o resto das suas características.

Características técnicas: uso de pastas alaranjadas com a presença de elementos não plásticos. Fabrico a torno. Sem marcas de fogo.

Paralelos: Mértola (Torres, 1987)

Cronologias: X – XI

5.3.1.2. Tigela 2 de bordo vertical

Tigela 2 A

Peça exemplo: 2729 (Fig. 22)

Características morfológicas: caracteriza-se por ter um bordo vertical com lábio arredondado e corpo calote esférica. Sem fragmentos que incluam fundo é impossível descrever o resto das suas características.

Características técnicas: uso de pastas de cor bege com presença de elementos não plásticos. Fabrico a torno. Sem marcas de fogo.

Paralelos: Mértola (Torres, 1987)

Cronologia: XI

5.3.1.3. Tigela 3 de pé anelar

Tigela 3 A

Peça exemplo: 2747, 2743 (Fig. 23)

Características morfológicas: caracteriza-se por ter um pé anelar alto vertical e corpo calote esférica. Sem fragmentos que incluam bordo e fundo é impossível descrever o resto das suas características.

Características técnicas: uso de pastas alaranjadas com presença de elementos não plásticos. Fabrico a torno. Sem marcas de fogo.

Paralelos: Mértola (Torres, 1987)

Cronologia: XI

5.3.2. Prato

Definição de prato: objeto de forma muito aberta para servir alimentos em que a altura é inferior a um quarto do diâmetro do bordo (Bugalhão *et alii*, 2010).

5.3.2.1. Prato 1 Prato de bordo em aba

Prato 1 A

Peça exemplo: 2412 (Fig. 24)

Características morfológicas: caracteriza-se por ter um bordo extrovertido com lábio em aba e corpo cilíndrico reto. A ausência de algum fragmento que possua asas ou fundo é impossível descrever o resto das duas características.

Características técnicas: uso de pastas alaranjadas e cinzentas com presença de elementos não plásticos. Fabrico a torno.

Paralelos: Lisboa (*Gomes et alii*, 2001)

Cronologia: XI

5.3.2.2. Prato 2 Prato de bordo vertical

Prato 2 A

Peça exemplo: 2734 (Fig.25)

Características morfológicas: caracteriza-se por ter um bordo vertical com lábio triangular e corpo cilíndrico reto. A ausência de algum fragmento que possua asas ou fundo impossibilita descrever o resto das suas características.

Características técnicas: uso de pastas alaranjadas e cinzentas com presença de elementos não plásticos. Fabrico a torno. Sem presença de marcas de fogo.

Paralelos: Lisboa (Gomes *et alii*, 2001)

Cronologia: XI

5.3.3. Taça

Definição de taça: objeto de forma aberta, de corpo semiesférico, e de reduzidas dimensões (diâmetro de boca inferior a 150mm) (Bugalhão *et alii*, 2010).

Taça

Peça exemplo: 2472.2484.2751.277 (Fig. 26)

Características morfológicas: caracteriza-se por ter um bordo vertical com lábio arredondado, corpo calote esférico e um pé anelar baixo vertical.

Características técnicas: uso de pastas de cor rosada com a presença de elementos não plásticos. Fabrico a torno. Sem presença de marcas de fogo.

Paralelos: Loulé

Cronologia: XI – XII

5.3.4. Jarro

Definição de Jarro: objeto de forma fechada, de tamanho médio, de corpo globular com uma única asa (Bugalhão *et alii*, 2010).

Jarro

Peça exemplo: 2431 (Fig. 27)

Características morfológicas: caracteriza-se por ter um colo troncocónico curvo. Sem nenhum fragmento que possua bordo, asas ou fundo não é possível descrever o resto das suas características.

Características técnicas: verifica-se o uso de pastas alaranjadas e cinzentas com abundancia de elementos não plásticos. Fabrico a torno. Demonstra uso com a existência de marcas de fogo.

Paralelos: Mértola (Torres, 1987)

Cronologia: XI

5.3.5. Jarrinho/púcaro

Definição de Jarrinho/púcaro: objeto em forma de pequeno jarro (inferior a 10cm de altura) com forma fechada de tendência globular, colo diferenciado e uma única asa (Bugalhão *et alii*, 2010).

5.3.5.1. Jarrinho/púcaro de bordo vertical e lábio arredondado

Jarrinho / Púcaro 1 A

Peça exemplo: 1199 (Fig. 28)

Características morfológicas: caracteriza-se por ter um bordo vertical com lábio arredondado e uma asa vertical com secção oval. Ausência de fundo e corpo da peça.

Características técnicas: uso de pastas alaranjadas com escassez de elementos não plásticos. Fabrico a torno. Sem marcas de fogo.

Paralelos: Loulé (Luzia, s.d)

Cronologia: XI

5.3.5.2. Jarrinho/púcaro de bordo vertical e lábio triangular

Jarrinho / Púcaro 1B

Peça exemplo: 900 (Fig.29)

Características morfológicas: caracteriza-se por ter um bordo vertical com lábio triangular e colo cilíndrico reto. Sem nenhum fragmento que possua asa ou fundo não é possível descrever o resto das suas características.

Características técnicas: uso de pastas alaranjadas com escassez de elementos não plásticos. Fabrico a torno. Demonstra utilização com existência de marcas de fogo.

Paralelos: Lisboa (Gomes *et alii*, 2001)

Cronologia XI

5.3.6. Jarra

Definição de jarra: objeto de forma fechada tamanho médio, corpo de tendência globular, colo e boca relativamente largo e duas ou mais asas (Bugalhão *et alii*, 2010).

Jarra 1 A

Peça exemplo: 1522/618 (Fig. 30)

Características morfológicas: caracteriza-se por ter um bordo vertical com lábio semicircular e colo cilíndrico reto. Sem nenhum fragmento que possua asas ou fundo não é possível descrever o resto das suas características.

Características técnicas: uso de pastas alaranjadas e cinzentas e com abundancia de elementos não plásticos. Fabrico a torno. Demonstra utilização com existência de marcas de fogo.

Paralelos: Lisboa (Gomes *et alii*, 2001)

Cronologia XI – XII

Jarra 1B

Peça exemplo: 2543, 608, 1591 (Fig. 31)

Características morfológicas: caracteriza-se por ter um bordo vertical com lábio arredondado e colo cilíndrico curvo com asa vertical e secção oval. Ausência de fundo.

Características técnicas: uso de pastas alaranjadas, cinzentas e brancas e com abundancia de elementos não plásticos. Fabrico a torno. Demonstra utilização com existência de marcas de fogo.

Paralelos: Lisboa (Gomes *et alii*, 2001), Coimbra (Catarino, Filipe, Santos, 2009), Mértola (Torres, 1987), Palmela (Fernandes, 1993)

Cronologia: X – XII

5.3.7. Jarrinha

Definição de Jarrinha: recipiente fechado com mais de uma asa e por norma com colo diferenciado (Gómez, 2004:269)

Jarrinha 1 A (Fig. 32)

Peça exemplo: 1426.277, 2457, 1937

Características morfológicas: caracteriza-se por ter um bordo vertical e com lábio arredondado, boca circular e colo cilíndrico reto. Sem nenhum fragmento que possua asa ou fundo não é possível descrever o resto das suas características.

Características técnicas: uso de pastas alaranjadas e cinzentas com abundancia de elementos não plásticos. Fabrico a torno. Sem marcas de fogo.

Paralelos: Mértola (Torres, 1987), Silves (Gonçalves, Pires, Mendonça, 2009), Alcácer do Sal (Carvalho *et alii*, 1994)

Cronologia: XI – XII

Jarrinha 1B

Peça exemplo: 973 (Fig. 33)

Características morfológicas: caracteriza-se por ter um bordo vertical com lábio biselado e colo cilíndrico reto. Sem nenhum fragmento que possua asa ou fundo não é possível descrever o resto das suas características.

Características técnicas: uso de pastas alaranjadas com presença de elementos não plásticos. Fabrico a torno. Demonstra utilização com existência de marcas de fogo.

Paralelos: Lisboa (Gomes *et alii*, 2001)

Cronologia: XI - XII

5.4 – Objetos lúdicos

5.4.1. Pedra de jogo

Pedra de jogo 1A

Peça exemplo: 1908, 1941 (Fig. 34)

Características morfológicas: peça de formato arredondado.

Características Técnicas: uso de pastas cinzentas e alaranjadas com presença de elementos não plásticos. Apresenta marcas de fogo.

Paralelos: Loulé (Luzia, s.d)

Cronologia: XI – XII

Nesta coleção as formas funcionais dominantes são as de cozinha, mais precisamente a panela, seguido pelo grupo da louça de mesa. Podemos afirmar tratar-se de famílias com pouco poder de compra para louça luxuosa como a de representação, ou até mesmo para a louça de mesa, que apesar da sua existência com formas funcionais variadas, não seria abundante. Ao serem famílias de poucos recursos financeiros

usariam o básico, e utilizariam o seu poder de compra para adquirir os utensílios mais necessários que poderiam também desempenhar comumente outras funções.

6. Técnicas de Fabrico da cerâmica

a. Pastas

A época Islâmica tem uma importante evolução no que diz respeito ao desenvolvimento tecnológico de cerâmicas. Tal é patente, por exemplo, na sua qualidade de fabrico, no acabamento interno ou externo, na ornamentação variada e no recurso a técnicas inovadoras na produção das mesmas (Gómez,2004:497).

As pastas

“La materia constitutiva de la cerámica es el barro, acepción que recoge un abanico enorme de substancias minerales. A estas substancias, después de preparadas por el alfarero para su uso en la fabricación de la cerámica, es a lo que solemos llamar pasta.” (Gómez, 2004:498).

A argila é o componente mais importante da pasta cerâmica, dado possuir a capacidade de modificar a sua rigidez, assim como o seu estado de hidratação e a sua plasticidade. É um mineral plástico, obtido a partir da decomposição da rocha feldspática (Gómez,2004:498).

Por norma, as olarias situam-se próximo dos locais de extração do barro. No entanto, há que considerar a possibilidade do barro nem sempre ser de procedência local. Tal foi o caso de Camporreal (Espanha) em que o barro local teria de ser misturado com outros barros a fim de se obter uma pasta mais manejável (Gómez,2004:498 e 499).

O barro de forma a poder ser levado a temperaturas extremas é misturado com elementos externos, chamado elementos não plásticos como a mica, o quartzo e o calcário. No entanto é difícil de saber se estes materiais são adicionados propositadamente ao barro pelos oleiros, ou se por ventura vêm com o próprio barro, dependendo também da sua proveniência. Diferentes cores de barros podem por vezes significar diferentes locais de proveniência mas nem sempre. A cor depende mais da atmosfera de cozedura oxidante ou redutora (Gómez,2004:499).

Tendo em conta a cores externas, centrais e internas das pastas, é possível observar no gráfico nº 4 que predominam a combinação da pasta de cor externa-central-

interna, alaranjada-alaranjada-alaranjada com 1227 correspondendo a 49,8%. A combinação da pasta de cor alaranjada-cinzenta-alaranjada corresponde a 32% é composta por 781 fragmentos, por sua vez a combinação da pasta de cor cinzenta-cinzenta-cinzenta é composta por 182 fragmentos correspondente a 7%, com 3% e correspondendo a 76 fragmentos a combinação da pasta de cor preta-preta-preta, a combinação alaranjada-cinzenta-cinzenta com 52 fragmentos corresponde a 2%. Encontram-se 2 combinações de diferentes cores de pasta correspondendo cada uma a 1% sendo elas combinação alaranjada-alaranjada-cinzenta com 15 fragmentos, a combinação bege-bege-bege com 28 fragmentos e a combinação castanha-castanha-castanha com 22 fragmentos. Correspondendo cada uma a 0,2% encontram-se 6 combinações diferentes sendo elas, cinzento acastanhada-cinzento acastanhada-cinzento acastanhada 7 fragmentos, preta-cinzenta-preta correspondendo a 6 fragmentos, alaranjada-bege-alaranjada correspondendo a 8 fragmentos, branca-branca-branca correspondendo a 6 fragmentos, alaranjada-preta-alaranjada correspondendo a 5 fragmentos e por fim castanha-cinzenta-castanha correspondendo a 9 fragmentos. Para terminar encontra-se 20 diferentes combinações de pastas correspondendo cada uma a 0,1%, sendo elas, bege-cinzenta acastanhada-bege com 1 exemplar, bege-cinzenta-bege com 3 exemplares, rosada-rosada-rosada com 1 exemplar, cinzenta-preta-cinzenta com 2 exemplares, alaranjada-cinzenta-castanha com 2 exemplares, castanha-alaranjada-castanha com 1 exemplar, preta-castanha-preta com 1 exemplar, alaranjada-cinzenta acastanhada-alaranjada com 1 exemplar, preta-vermelha-preta com 1 exemplar, alaranjada-preta-preta com 2 exemplares, preta-preta-castanha com 1 exemplar, preta-alaranjada-alaranjada com 2 exemplares, alaranjada-bege-bege com 2 exemplares, vermelha-vermelha-vermelha com 2 exemplares, preta-cinzenta-alaranjada com 1 exemplar, rosada-branca-rosada com 2 exemplares, rosada-bege-rosada com 1 exemplar, bege-castanha-bege com 1 exemplar, rosada-cinzenta-rosada com 1 exemplar e por ultimo bege-branca-bege com 1 exemplar.

Cores das Pastas

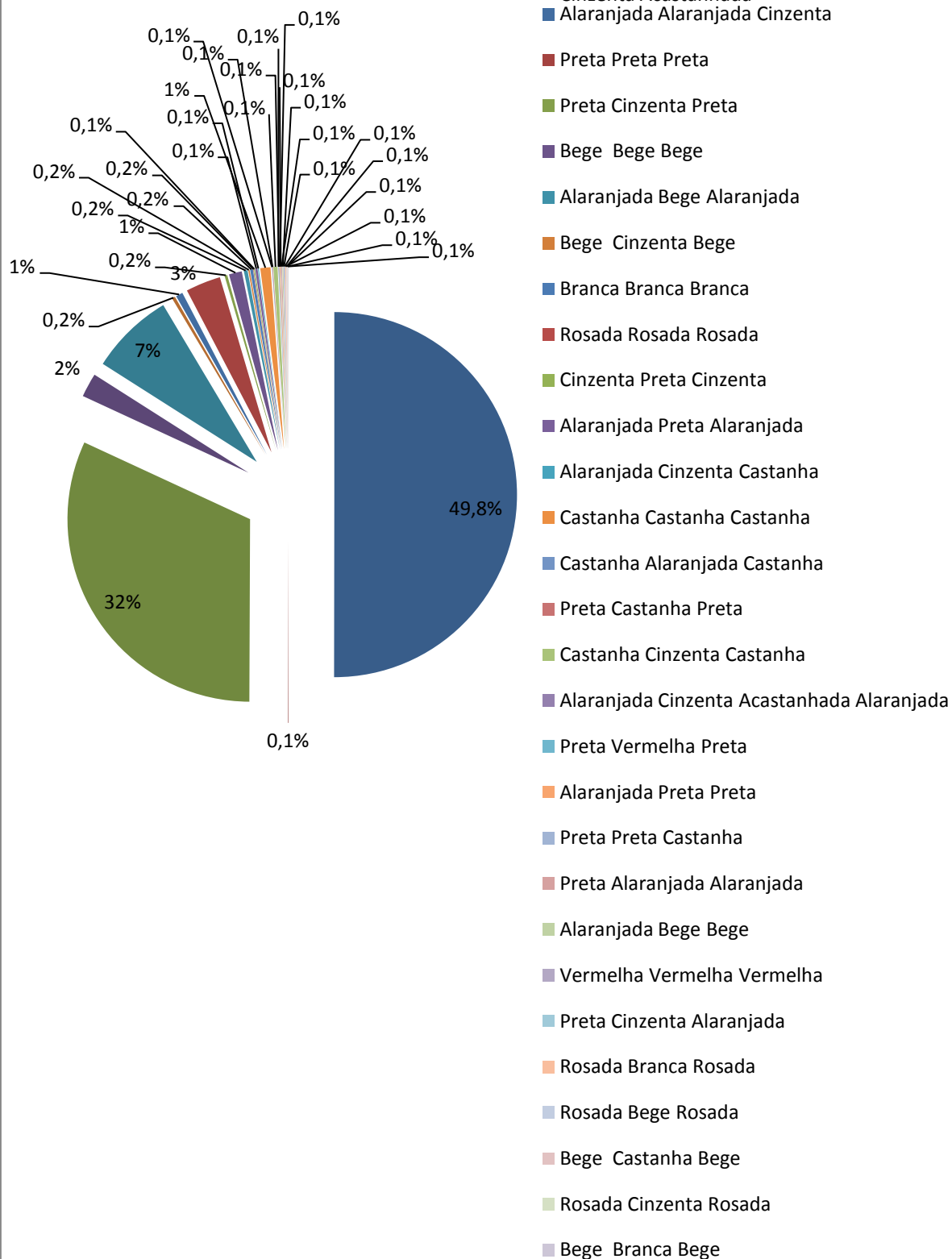


Gráfico nº 4 – Cores das pastas

Segue-se a análise dos elementos não plásticos identificados nas peças em estudo. Serão apresentados em dois gráficos diferentes, um referente ao seu tamanho e densidade e outro ao tipo de elementos não plásticos encontrados.

O tamanho dos elementos não plásticos foi dividido em 9 critérios

- 1- Grandes e abundantes ($> 3\text{mm}$)
- 2- Grandes e de frequência média ($> 3\text{mm}$)
- 3- Grandes e pouco frequentes ($> 3\text{mm}$)
- 4- Médios e abundantes (3mm a $0,5\text{mm}$)
- 5- Médios e de frequência média (3mm a $0,5\text{mm}$)
- 6- Médios e pouco frequentes (3mm a $0,5\text{mm}$)
- 7- Pequenos e abundantes ($<3\text{mm}$)
- 8- Pequenos e de frequência média ($<3\text{mm}$)
- 9- Pequenos e pouco frequentes ($<3\text{mm}$)

Assim é possível observar no gráfico nº 5 que 59,5% das peças (1464 fragmentos) apresentam elementos não plásticos de pequeno tamanho e pouco frequentes, 19% das peças (454 fragmentos) apresentam elementos não plásticos de tamanho grande e de pouca frequência, 17% das peças (421 fragmentos) apresentam elementos não plásticos de tamanho médio e pouco frequentes, 2% das peças (51 fragmentos) apresentam elementos não plásticos pequenos e de frequência média, 1% das peças (24 fragmentos) apresentam elementos não plásticos de tamanho médio com média frequência, 1% das peças (19 fragmentos) apresentam elementos não plásticos grandes e de frequência média, 0,3% das peças (12 fragmentos) apresentam elementos não plásticos de tamanho pequeno e frequência abundante e por fim cada um correspondente a 0,1% apresentam elementos não plásticos grandes e abundantes (3 fragmentos) e elementos não plásticos médios e abundantes (5 fragmentos).

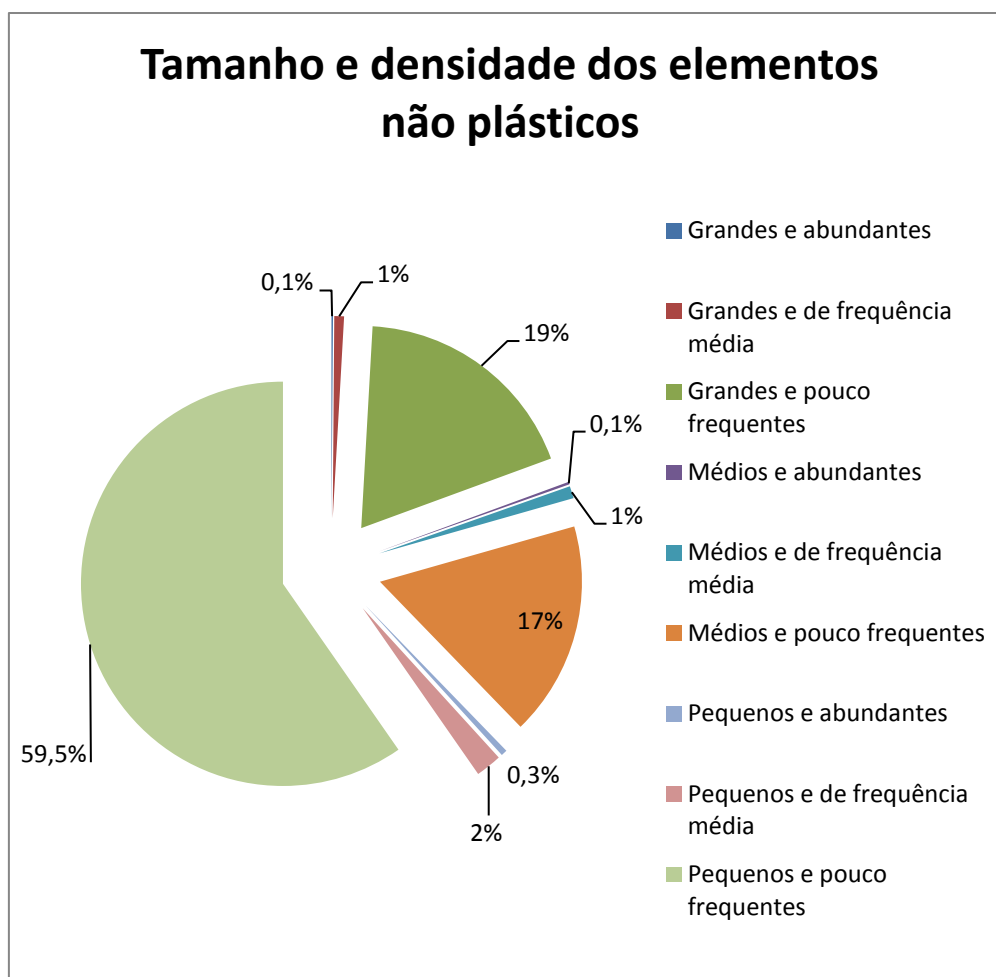


Gráfico nº 5 – Tamanho e densidade dos elementos não plásticos

Quanto aos elementos não plásticos estes encontram-se em grande escala nas peças. No total são 36 combinações diferentes. São 454 fragmentos que apresentam vestígios de mica (18,5%), 345 fragmentos apresentam vestígios de mica e calcário (13,9%) 334 fragmentos apresentam vestígios de calcário (13,9%) 297 fragmentos apresentam vestígios de mica e quartzo (12%), 281 fragmentos apresentam vestígios de mica quartzo e calcário (11%), 243 fragmentos apresentam vestígios de quartzo e calcário (10%), 80 fragmentos apresentam vestígios de mica quartzo e sílica (3%), e 73 fragmentos apresentam vestígios de calcário e sílica (3%). Cinco combinações diferentes representam 2% cada uma sendo elas: mica quartzo calcário e sílica (46 fragmentos) mica calcário e sílica (48 fragmentos), mica e sílica (44 fragmentos), quartzo calcário e sílica (55 fragmentos) e quartzo e sílica (37 fragmentos). Correspondendo a 1% cada encontra-se duas combinações sendo elas: mica quartzo

e chamote (13 fragmentos) e mica e chamote (16 fragmentos). Com 0,2% cada encontram-se seis combinações diferentes sendo elas: mica, calcário e chamote (7 fragmentos), quartzo (6 fragmentos), quartzo, calcário e chamote (8 fragmentos), calcário e chamote (7 fragmentos), xisto (9 fragmentos) e sílica (6 fragmentos). Para finalizar e com 0,1% cada encontram-se 15 combinações diferentes sendo elas: mica, quartzo, calcário e chamote (4 fragmentos), mica, quartzo, calcário, chamote e sílica (3 fragmentos), mica, quartzo, e xisto (2 fragmentos), mica, quartzo, calcário e xisto (1 fragmento), mica, quartzo, chamote e sílica (5 fragmentos), mica, quartzo, calcário, chamote e xisto (3 fragmentos), mica, calcária, chamote e sílica (1 fragmento), mica, chamote e sílica (3 fragmentos), mica e xisto (1 fragmento), quartzo, calcário, xisto e sílica (1 fragmento), quartzo, calcário, chamote e sílica (1 fragmento) quartzo e chamote (2 fragmentos), quartzo, chamote e pedra (1 fragmento), calcário e chamote e sílica (5 fragmentos) e calcário, xisto e sílica (2 fragmentos).

Concluimos que na maior parte dos casos não são pastas muito depuradas dada a frequência dos elementos não plásticos, mas a quase ausência de elementos não plásticos grandes poderá estar a indicar um tratamento de pasta prévio ao fabrico dos objetos.

Nesta coleção destaca-se dois tipos de proveniência das peças estudadas. O primeiro seria o fabrico local, nas olarias de Lisboa algumas já escavadas, em que a cerâmica comum, pintadas a vermelho, preto e branco em muito se parecem quer em formas quer em pastas das cerâmicas provenientes do B.C.P e Mandarim do Chinês. Já as produções vindas de fora incluiriam as cerâmicas de corda seca total e parcial, bem como outros vidrados existentes nesta coleção da Casa dos Bicos, onde as características técnicas em muito se diversificam das encontradas por Lisboa.

Elementos não Plásticos

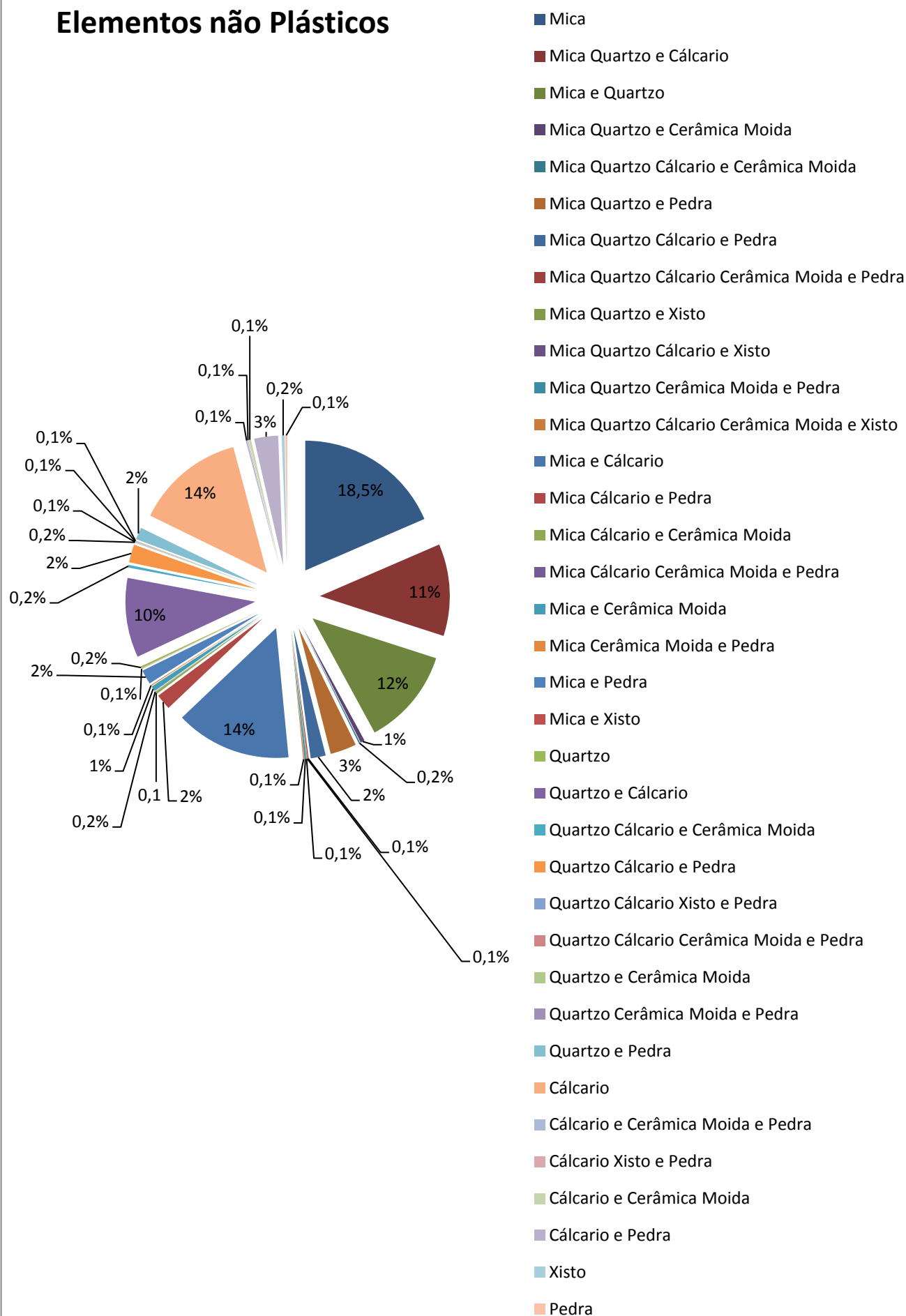


Grafico nº 6 – Elementos não plásticos

b. Técnicas de Fabrico e Cozedura

Técnicas de fabrico

Existem várias técnicas de fabrico: manual, torno lento, torno rápido, misto e indeterminado. Nesta coleção verificou-se a existência de produção à base de três técnicas de fabrico, sendo elas: torno rápido, torno lento e torno manual.

Cozedura

São 6 os tipos de cozedura: cozedura redutora, quando não existe entrada abundante de oxigénio no forno, ficando assim a peça com uma tonalidade escura; cozedura oxidante, quando existe oxigénio suficiente para uma combustão completa, assistindo-se a uma libertação de dióxido de carbono, de onde resulta na peça uma tonalidade mais clara; a cozedura Redutora / oxidante (interior), quando o núcleo da peça se apresenta em tons claros e a superfície em tons escuros; Oxidante/ redutora (interior), no caso do núcleo da peça se apresenta em tons mais escuros e a superfície em tons mais claros; Oxidante irregular e Redutor irregular.

É possível verificar, por intermédio do gráfico nº 7, que a cozedura Oxidante é mais abrangente, correspondendo a uma percentagem de 52% (1265 fragmentos), seguindo-se da cozedura Oxidante/Redutor correspondendo a 30% (745 fragmentos). Com 12% encontra-se a cozedura Redutora (295 fragmentos), seguida da cozedura Redutora Irregular com 3% (68 fragmentos), a cozedura Redutora/Oxidante com 2% (53 fragmentos) e por último a cozedura Oxidante Irregular com 1% (27 fragmentos).

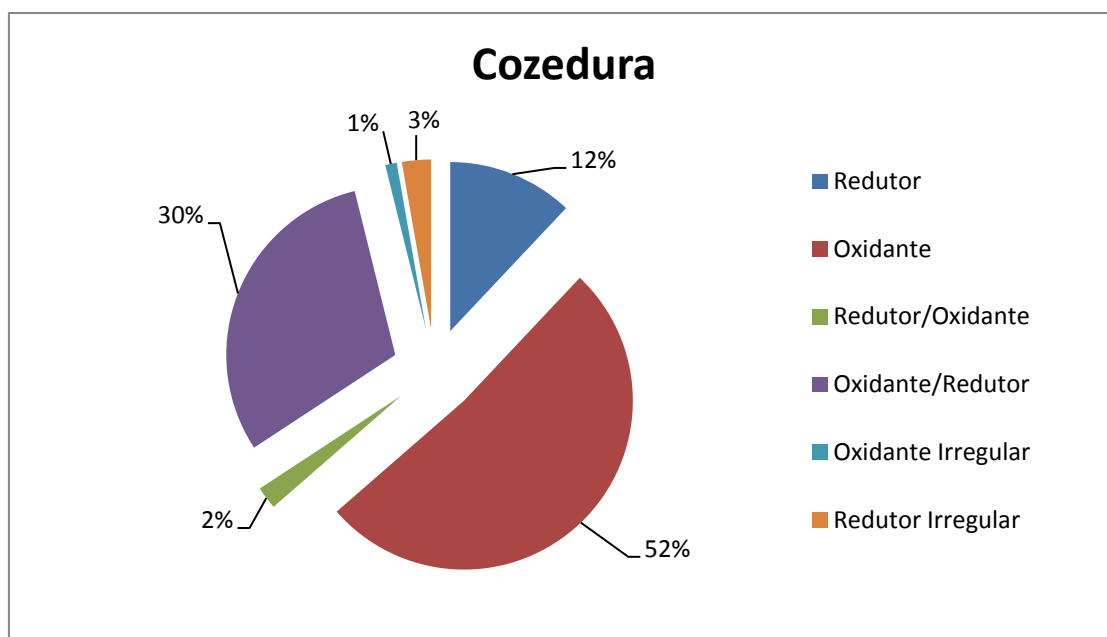


Gráfico nº 7 – Cozedura

c. Tratamento de Superfícies

A maior diferença entre tratamento de superfície e técnica ornamental reside no facto da primeira não implicar necessariamente um valor ornamental, como é o caso do alisamento. O alisamento das peças é uma técnica base a que são sujeitas pois é sua preparação para posteriormente receber outras técnicas de acabamento que sim podem ter valor ornamental como a pintura, ou o vidrado. Na coleção estudada, constatou-se que algumas peças foram sujeitas a engobe, outras a pintura e outras a vidrado.

Algumas peças apresentavam acabamentos exteriores como alisado, barbotinado, brunido, engobado, pintado vidrado e engobado e pintado. No gráfico nº 8, pode-se inferir que predomina o acabamento alisado com 50,8% (correspondendo a 1262 fragmentos) seguido do acabamento pintado com 44% (1070 fragmentos). Com 3% encontra-se o acabamento engobado (78 fragmentos), segue-se com 1% cada o acabamento a vidrado (23 fragmentos) e o acabamento engobado e pintado (12 fragmentos) para finalizar com 0,1% cada encontra-se o acabamento barbotinado (5 fragmentos) e o acabamento brunido (3 fragmentos).

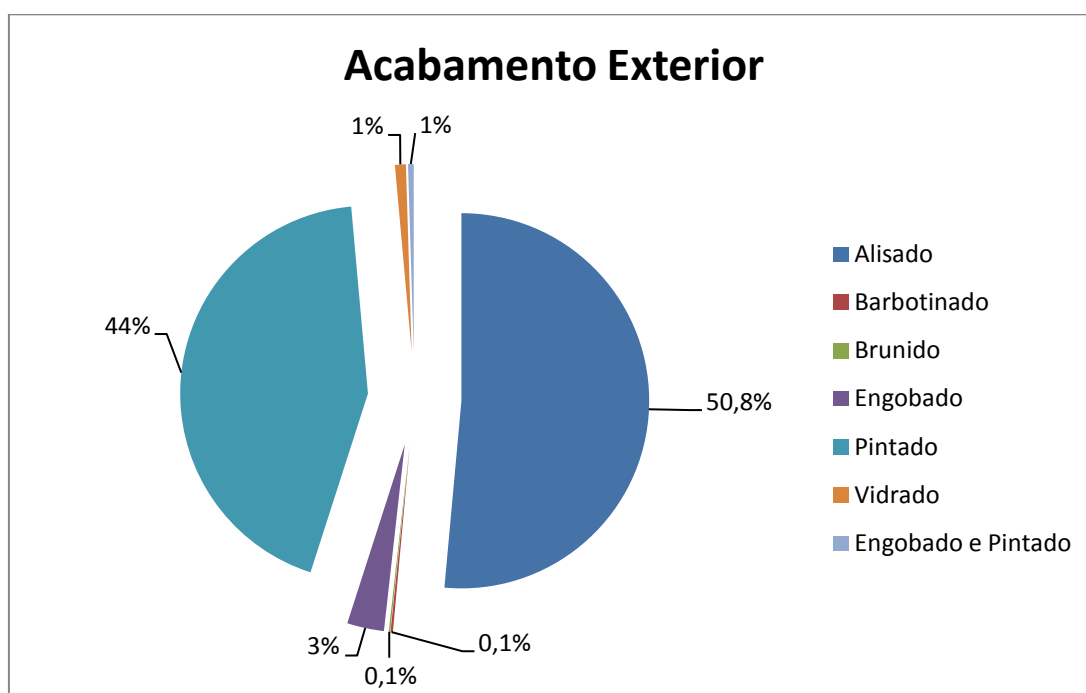


Gráfico nº 8 – Acabamento exterior

O acabamento interior difere um pouco do exterior, pois como podemos verificar no gráfico nº 9, existe uma grade discrepância de percentagens. O que predomina é o

interior alisado com 88,5% (2188 fragmentos), seguindo-se do pintado 9% (213 fragmentos) com 1% cada encontra-se o acabamento barbotinado (16 fragmentos) e vidrado (22 fragmentos) o acabamento engobado com 0,2% (11 fragmentos) para finalizar com 0,1% cada encontra-se o acabamento brunido (1 fragmento), o acabamento brunido e pintado (1 fragmento) e por fim o acabamento engobado e pintado (1 fragmento).

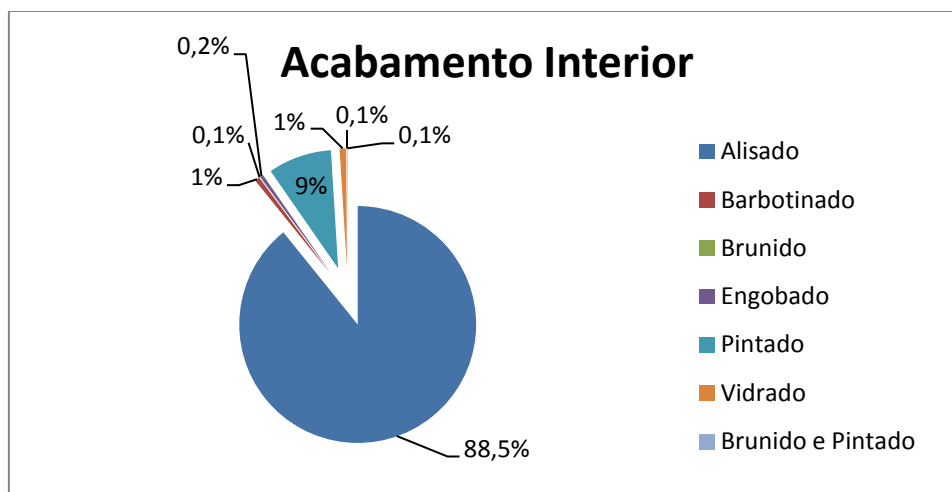


Gráfico nº 9 – Acabamento Interior

d. Técnica ornamental

A ornamentação da cerâmica é crucial, pois a sua simbologia permite uma melhor compreensão de cada comunidade, possibilitando por vezes a associação de cerâmicas a grupos humanos (Gómez,2004:517). A ornamentação da peça é regida por vários princípios desde a sua forma até à sua função, sendo desta última que depende o sítio a ser colocada a ornamentação (Gómez,2004:518). *“La variedad de técnicas ornamentales que se puede aplicar a la cerámica es muy grande. Contribuyen o forman parte de los métodos de acabado de las vasijas, y significan un añadido de calidad y aprecio de las piezas”* (Gómez, 2004:519).

Regra geral, a pintura é aplicada na cerâmica com um pincel ou um utensílio de semelhante função, ainda no seu estado cru, a partir do uso de minerais aplicados na peça (Gómez,2004:554).

A pintura a vermelho é encontrada com menos frequência que a pintura a branco no Garb al-Andaluz no entanto em certas zonas a pintura a vermelho é mais abundante que a pintura a branco. A pintura a vermelho é produzida a partir de uma solução contendo óxido de ferro ou óxido de manganés (Gómez,2004:555). Nem sempre a peça apresenta a mesma tonalidade vermelha, pois esta varia em função do tipo de cozedura a que é exposta. Com o estudo materialístico de cerâmicas pintadas a vermelho, tem-se vindo a concluir que os artefactos mais antigos, por norma, apresentam uma tonalidade avermelhada clara contendo óxido de ferro, enquanto que, as mais recentes exibem um vermelho vinoso contendo óxido de manganés (Gómez,2004:563). A pintura vermelha obtida a partir do óxido de ferro *“tiende a perderse en época almohade mientras que el óxido de manganeso se generaliza”* (Lafuente,1999). Nesta coleção existem 17 peças pintadas a vermelho (1557, 1575, 1607, 608, 1062, 1063, 1488, 1490, 2048, 2051, 2467, 25473, 2550, 2552, 2554, 961 e 1861), quanto a motivos decorativos predominam os traços horizontais, verticais e ziguezague.

Em Portugal a cerâmica pintada a branco mais antiga encontrada é datada do século I d.C., em Conimbriga. Esta cor é obtida aplicando uma solução de calcário sob o local onde se pretende a decoração. Existem mais duas teorias para a obtenção da pintura a branco, uma através da calcite ou cloreto de chumbo, e a outra pressupõe a utilização de talco para a obtenção da cor. No entanto ainda não foram feitas análises às pastas com cor branca que permitam uma elucidação sobre o mineral que seria utilizado

no período islâmico (Gómez,2004:556). Nesta coleção existem 933 peças decoradas exteriormente a branco (alguns exemplos: 1625, 1685, 1020, 1130, 887, 2283, 2238, 1947, 2878) os motivos decorativos mais predominantes são traços verticais, horizontais e diagonais.

Aparecendo na Península Ibérica por volta do século XI a cerâmica denominada de corda seca parcial aparenta estar ligada ao apogeu do califado, sendo que no século XI surge a técnica de corda seca total, sendo uma das técnicas ornamentais mais interessantes a nível artístico. Este nome técnico para designar este tipo de cerâmicas é sugerido pela primeira vez no século XX, no entanto não há certezas da sua denominação na época medieval. Durante o século X a produção de corda seca parcial era feita nas olarias de Bayyana/ Pechina, Almeria e Múrcia, terá sido no final do século XI que terão aparecido as primeiras produções oleiras desta técnica na cidade de Lisboa (Fernandes *et alii*, 2015: 587). Não nos podemos esquecer da importância das rotas marítimas para a importação destas cerâmicas de luxo na sua chegada ao território português (Fernandes *et alii*, 2015: 587). Os primeiros exemplares de corda seca total surgem durante o período taifa, inicialmente seriam de importação havendo posteriormente indícios de produção locais em Santarém e Lisboa onde por meio de escavação arqueológica está confirmada a existência da sua produção durante os séculos XI e XII e Santarém (Fernandes *et alii*, 2015: 587).

Considerada como uma cerâmica de luxo devido à sua dificuldade de obtenção de cor e o seu alto custo a louça dourada não é tida como cerâmica de comum acesso (Gómez: 1997,137). É das cortes de Manzón de 1585, que por via do testemunho do viajante Enrique Cock se conhece a fórmula mais antiga de fabrico proveniente da Península Ibérica (Gómez: 1997, 137 e 138). No entanto é das oficinas de Manises em Valência que se conhece a receita completa desta forma datado de 1785 (Gómez: 1997,138). Para a obtenção de louça dourada aplica-se uma solução de cobre, prata, cinábrio, peróxido de ferro e enxofre em vinagre sobre a peça já previamente cozida e revestida de um vidado de estanho opaco e branco. Segue-se depois novo processo de cozedura redutora com o forno a não poder atingir mais de 650° (Gómez: 1997,138). Muito se especula sobre a origem deste tipo de técnica decorativa mas tudo indica que o dourado já era usado pelos egípcios no século VIII (Gómez, 1997:138). A sua difusão dá-se no século IX onde a mesquita de Sibi Oqba de Kairawam é decorada com azulejos provenientes da Mesopotâmia (Gómez, 1997:138). Contudo as produções egípcias

tiveram o seu auge no período fatimida durante o século X após a queda dos tulúnidas (Gómez, 1997:138). Os exemplares de louça dourada mais antigos na Península Ibérica são provenientes de Madinat al-Zahara e Bobastro. A produção desta cerâmica aparece referenciada num texto do século XIII, em que o autor descreve locais do seu fabrico em Múrcia, Málaga e Almería. Existem provas arqueológicas da produção de louça dourada em Málaga no século XII, sendo que a partir do século XIII começa a ser exportada para vários locais do Mediterrâneo ao Egipto e a países do norte europeu (Gómez, 1997:139). De frisar que na coleção da Casa dos Bicos existe apenas um fragmento de louça dourada.

A nível de técnica de decoração interna foi encontrada a canelura, o engobe, a incisão, a pintura, o vidrado, a canelura e pintura, a canelura e engobe e a canelura e incisão. Como se pode observar no gráfico nº 10, a percentagem de peças que apresentam algum tipo de decoração é muito reduzida, sendo que 89,1% representam as cerâmicas que não apresentam qualquer tipo de decoração (2207 fragmentos). Com 6% encontra-se a decoração de pintura (142 fragmentos), com 3% encontra-se a decoração de canelura (66 fragmentos) e com 1% a decoração de vidrado (21 fragmentos). Com 0,5% encontra-se a decoração de engobe (11 fragmentos) e para finalizar com 0,1% as decorações de incisão (2 fragmentos), canelura e pintura (2 fragmentos), canelura e engobe (1 fragmento) e canelura e incisão (1 fragmento).

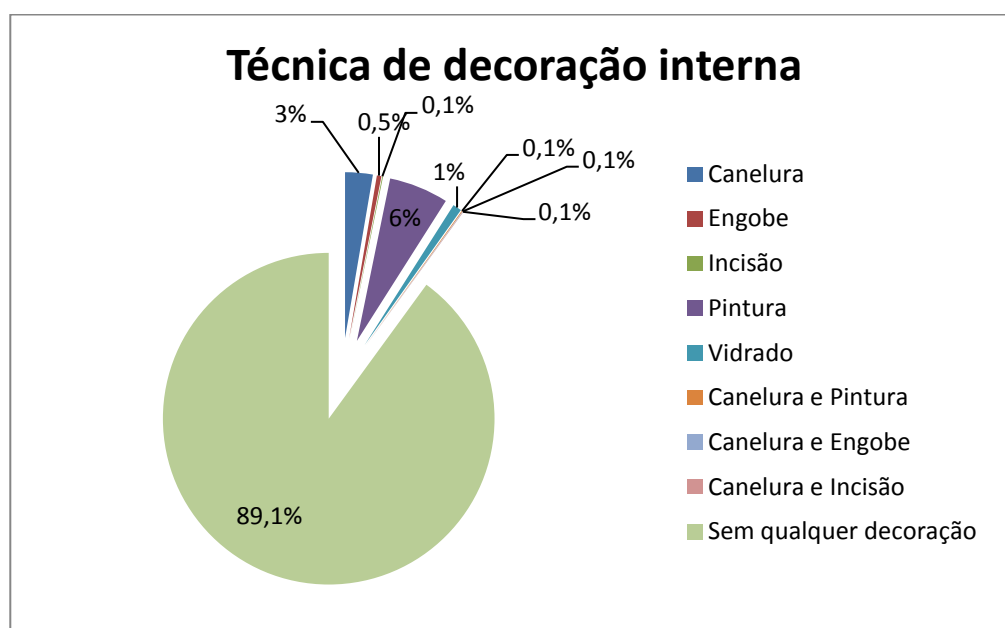


Gráfico nº 10 – Técnica de decoração interna

A decoração externa está presente em forma de canelura, engobe, digitação, incisão, pintura, vidrado, canelura e pintura, engobe e pintura, engobe e incisão, excisão e incisão, pintura e incisão, e incisão e vidrado. Como podemos observar no gráfico nº 11, predomina as peças sem qualquer tipo de decoração com 51,6% (1276 fragmentos), seguindo-se as peças decoradas com pintura 38% (942 fragmentos), com 3% a decoração de engobe correspondendo a 74 fragmentos e com 2% correspondendo à decoração com canelura encontram-se 47 fragmentos. Cada um com 1% respectivamente encontra-se a decoração de incisão com 32 fragmentos, decoração a vidrado com 20 fragmentos, decoração a canelura e pintura com 22 fragmentos, decoração a engobe e pintura com 11 fragmentos, e a decoração pintura e incisão com 20 fragmentos. Finalmente cada um correspondendo a 0,1% encontra-se a decoração a digitação com 3 fragmentos, decoração a engobe e incisão com 1 fragmento, decoração a excisão e incisão com 4 fragmentos e por fim decoração a incisão e vidrado com 1 fragmento.

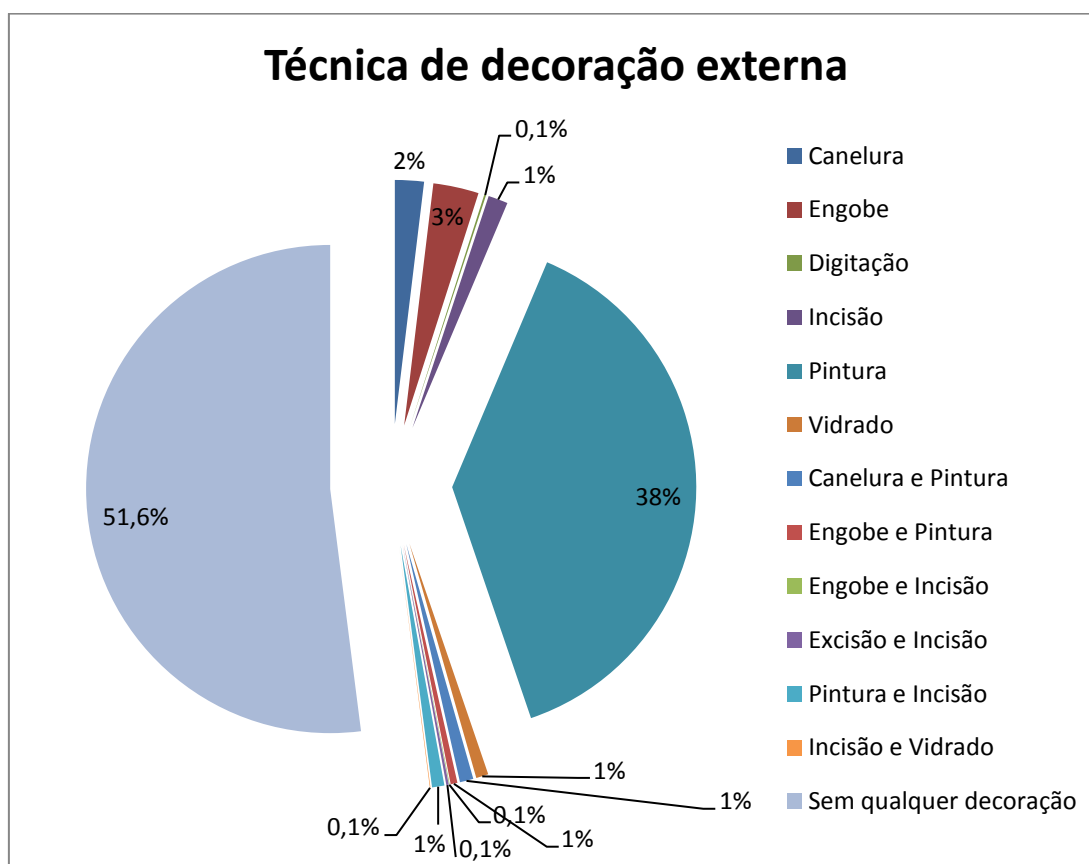


Gráfico nº 11 – Técnica de decoração externa

e. Os Temas Ornamentais

Devido á fragmentação da amostra, não é possível reconhecer nenhuma composição completa. No entanto, em muitos casos trata-se de temas geométricos, muito simples no geral, e portanto, é possível supor que muitas das peças tivessem composições ornamentais de simples traços ou que combinassem vários tipos de traços geométricos entre si.

Os motivos de decoração interna identificados foram variados. Como se pode observar no gráfico nº 12, 93% das peças (2307 fragmentos) não apresentavam qualquer tipo de decoração, 4% (85 fragmentos) apresentam traços horizontais, 2% (36 fragmentos) apresentam traços verticais e 0,3% (10 fragmentos) apresentam traços horizontais e traços verticais. Para finalizar e cada um correspondendo a 0,1% existem 7 motivos de decoração, círculos (2 fragmentos), traços curvos (2 fragmentos), traços diagonais (3 fragmentos), traços curvos e traços verticais (2 fragmentos), traços diagonais e traços verticais (2 fragmentos), traços diagonais e traços horizontais (2 fragmentos) e por último traços horizontais e outros (4 fragmentos).

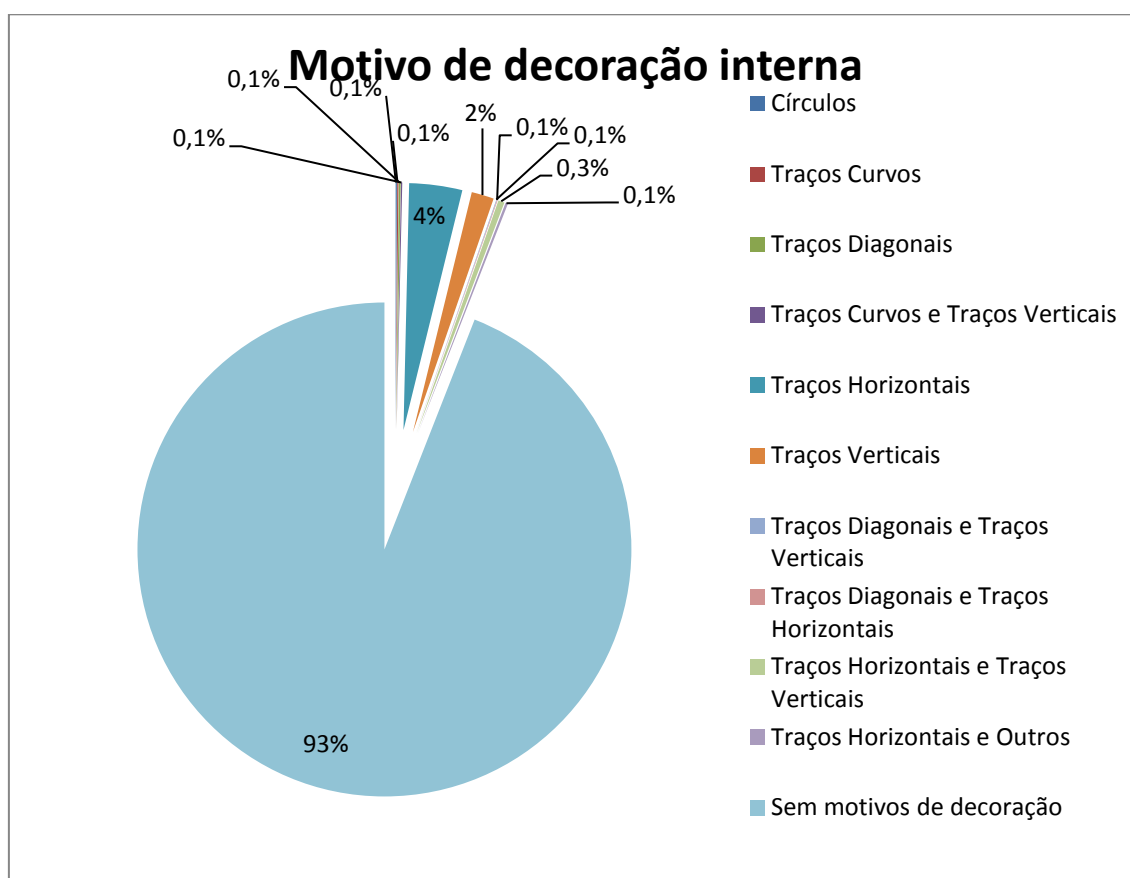


Gráfico nº 12 – Motivo de decoração interna

Dos 248 fragmentos que apresentam decoração interna (gráfico nº 13), 118 têm a sua decoração situada no corpo (46,9%), 90 têm a sua decoração situada no lábio (36%) 19 têm a sua decoração situada no corpo e lábio (8%), 7 têm a sua decoração situada no bordo (3%), 4 têm a sua decoração situada na asa (2%), 4 têm a sua decoração situada no fundo (2%), 5 têm a sua decoração situada no corpo e fundo (2%) e por fim 1 fragmento tem a sua decoração localizada no bordo e corpo (0,1%).

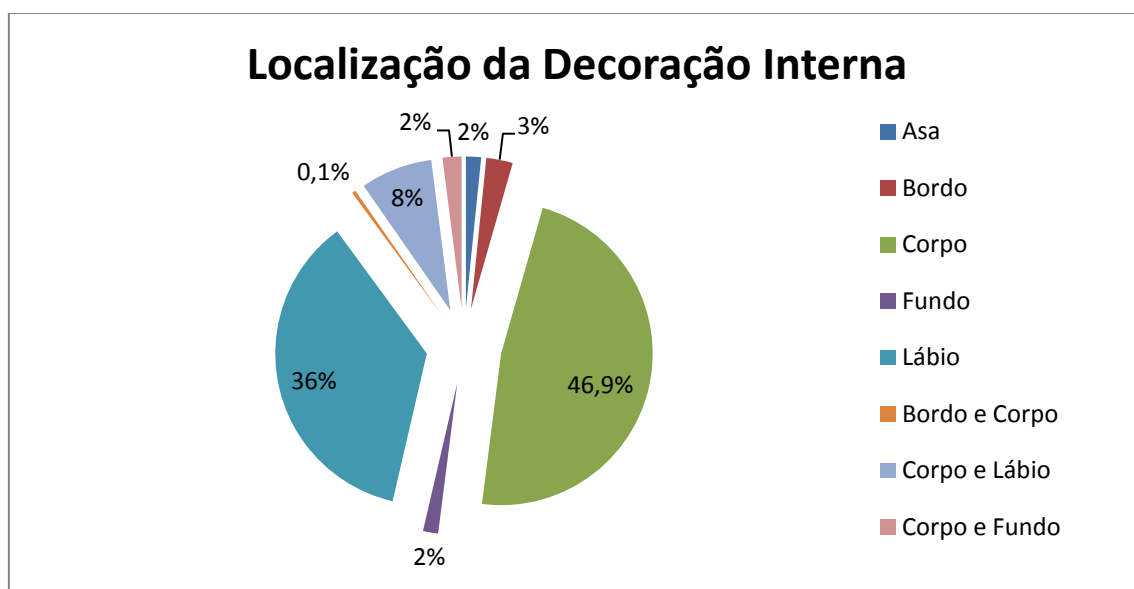


Gráfico nº 13 – Localização da decoração interna

Analisando o gráfico verifica-se que, 88% dos fragmentos (225) apresentam decoração a cor branca, 3% dos fragmentos (5) apresentam decoração a cor verde, 2% dos fragmentos (4) apresentam decoração a cor melada acastanhada, 2% dos fragmentos (3) apresentam a decoração a verde e manganés, 2% dos fragmentos (3) têm decoração a corda seca, por fim cada um correspondendo a 1% encontram-se as decorações a cor cinzenta (1 fragmento), cinzenta acastanhada (1 fragmento), dourada (1 fragmento), vermelha (1 fragmento), branca e verde (1 fragmento), castanha e verde (1 fragmento) e melada acastanhada e preta (2 fragmentos).

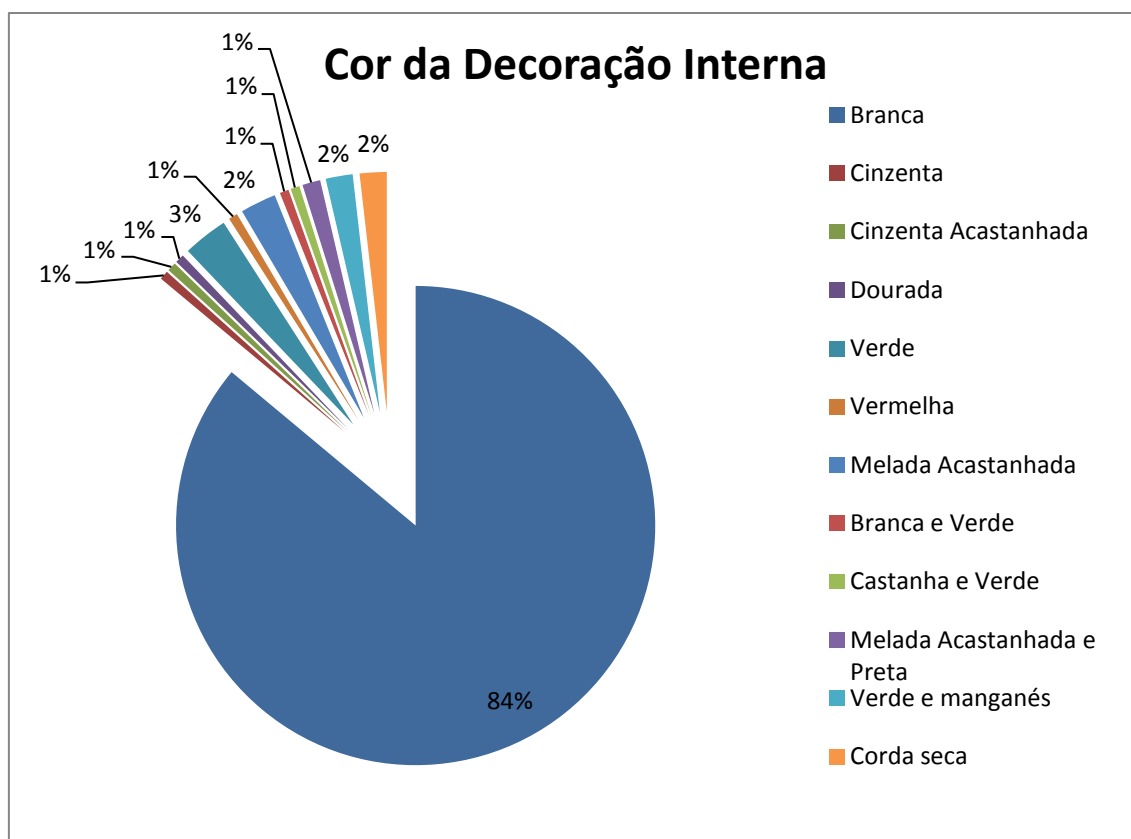


Gráfico nº 14 – Cor da decoração interna

A nível de decoração externa existem variados motivos, tal como podemos ver no gráfico nº15: traços verticais com 37,5% (353), traços horizontais com 33% (305 fragmentos), traços curvos com 11% (118 fragmentos), traços diagonais com 5% (62 fragmentos), traços horizontais e traços verticais com 4% (43 fragmentos), traços curvos e traços horizontais com 3% (33 fragmentos), cada um correspondendo a 1% encontra-se os motivos em círculo (8 fragmentos), cordão digitado (5 fragmentos), círculos e traços horizontais (5 fragmentos), traços curvos e traços verticais (10 fragmentos), traços diagonais e traços horizontais (7 fragmentos), por fim e correspondendo cada um a 0,1% temos os motivos de pingos (3 fragmentos), reticulado (2 fragmentos), ziguezague (2 fragmentos), cordão digitado e traços horizontais (1 fragmento), pingos e traços verticais (1 fragmento), pingos e traços horizontais (1 fragmento), pingos, traços curvos e traços horizontais (1 fragmento), pingos e traços diagonais (1 fragmento), traços curvos e traços diagonais (3 fragmentos), traços curvos, traços horizontais e traços verticais (2 fragmentos), traços diagonais e traços verticais (4 fragmentos), traços diagonais, traços verticais e outros (1 fragmento), traços horizontais e ziguezague (3

fragmentos), traços horizontais e outros (4 fragmentos) e traços verticais e outros (1 fragmento).

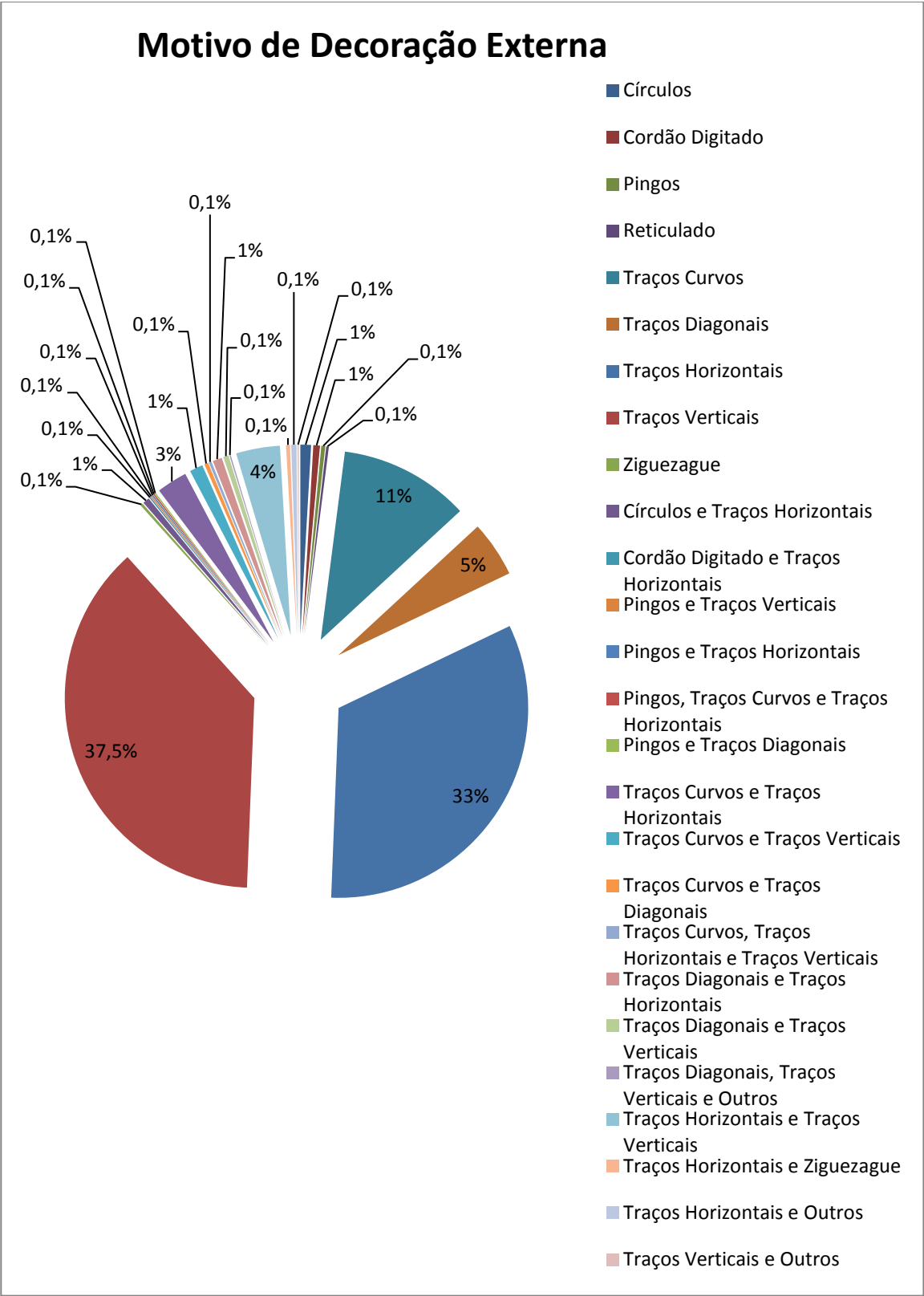


Gráfico nº 15 – Motivo da decoração externa

Quanto aos locais de decoração exteriores (gráfico nº16), em 979 fragmentos, 807 (82,7%) encontram-se decorados no corpo, 121 fragmentos (12%) encontram-se decorados na asa, 20 fragmentos (2%) encontram-se decorados no lábio, 8 fragmentos (1%) encontram-se decorados no bordo, 5 fragmentos (1%) encontram-se decorados no fundo, 12 fragmento (1%) encontram-se decorados no corpo e lábio, 1 fragmento (0,1%) encontra-se decorado no corpo e asa, 2 fragmentos (0,1%) encontram-se decorados no corpo e bordo e por fim em 3 fragmentos (0,1%) encontram-se decorados no corpo e fundo.

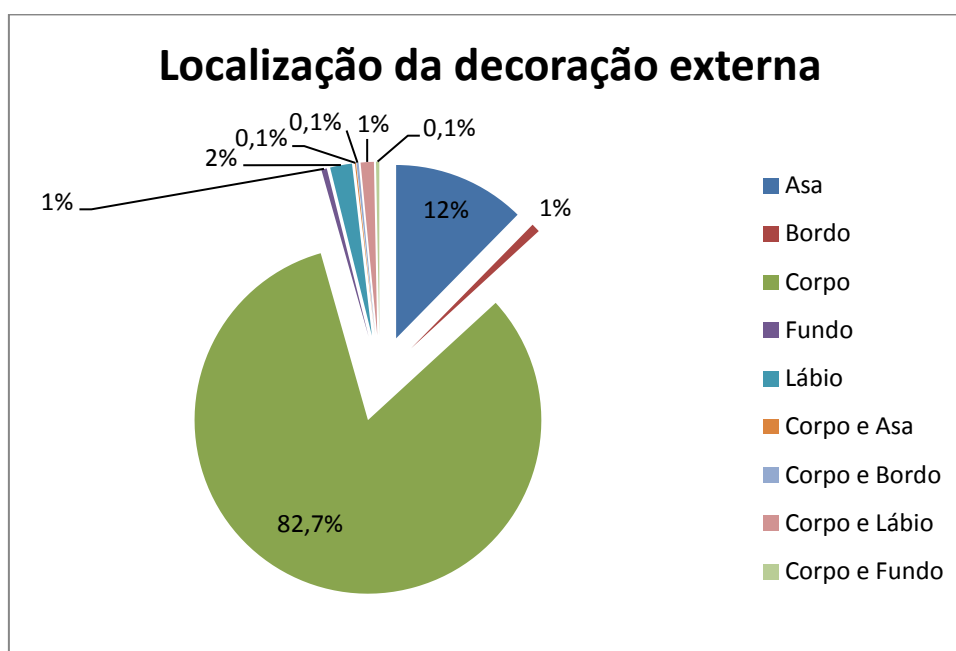


Gráfico nº 16 – Localização da decoração externa

A nível de decoração externa, 94% têm decoração a branco (933 fragmentos), 2% decoração a vermelho (17 fragmentos), 1% decoração a melado acastanhado (7 fragmentos), 1% decoração a preto (5 fragmentos), 1% decoração a verde (4 fragmentos), finalizando e cada um correspondendo a 0,1% encontra-se a decoração a castanho (1 fragmento), cinzenta acastanhada (1 fragmento), melada e esverdeada (2 fragmentos), rosada (1 fragmento) melada esverdeada e castanha (1 fragmento), castanha e verde (2 fragmentos), melada esverdeada e preta (1 fragmento), verde e manganés (1 fragmento), preta e verde (2 fragmentos) e melada acastanhada e preto (1 fragmento).

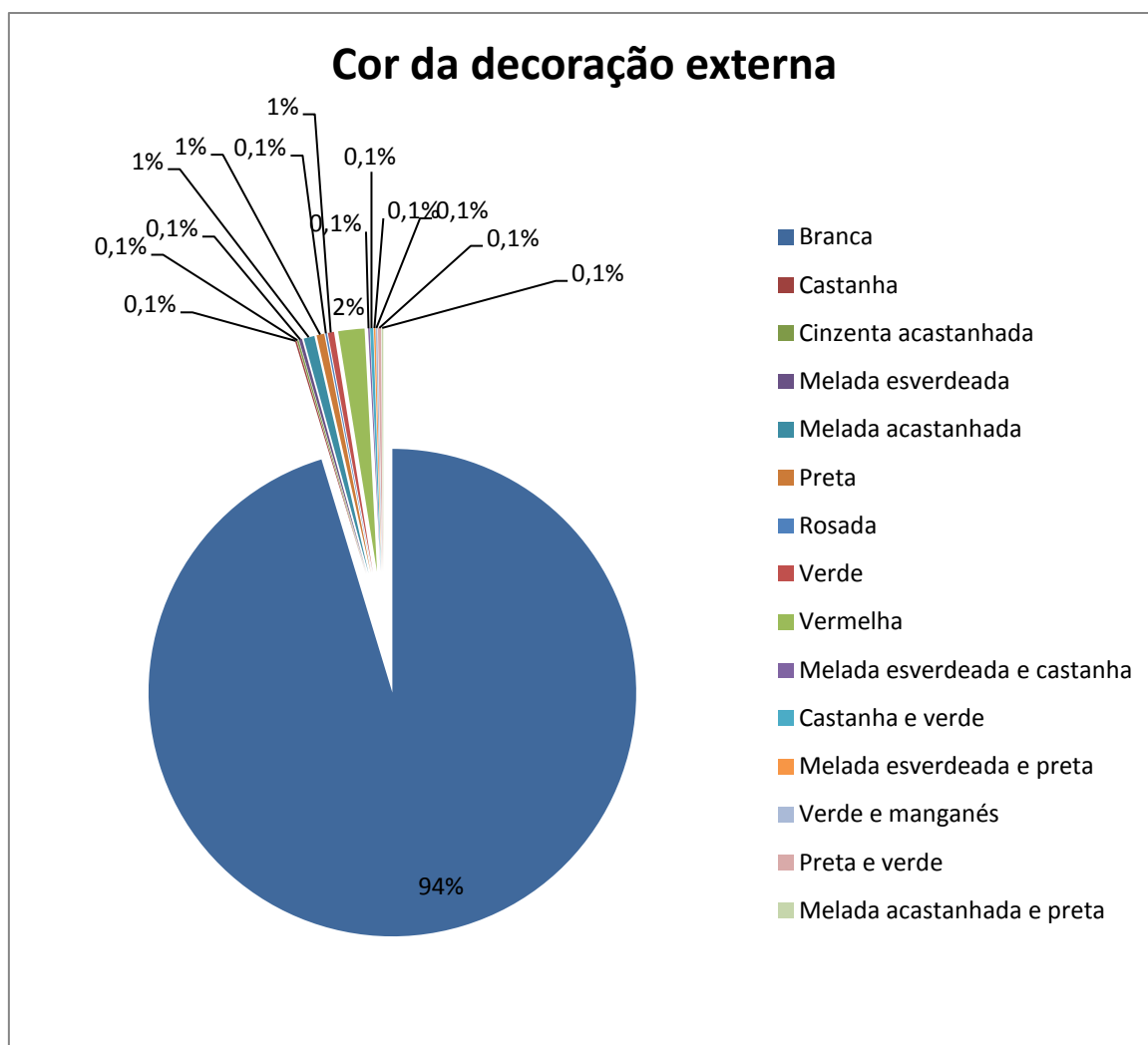


Gráfico nº 17 – Cor da decoração externa

Em forma de conclusão podemos aferir tratar-se de uma produção standartizada, com características técnicas muito parecidas com uma tecnologia bastante desenvolvida, com variedades técnicas ornamentais, vários tratamentos de superfície e linhas de torno bem desenvolvidas, onde a produção local é maioritária em prol das importadas apesar de nesta última se incluir a denominada cerâmica de luxo.

7. Cronologia e paralelos

Infelizmente esta coleção de estudo encontra-se demasiado fragmentada para permitir a datação cronológica da maioria das peças cerâmicas. Devido a este problema só foi possível a datação de 657 peças como se pode verificar no gráfico abaixo. Sendo assim temos 1796 fragmentos indeterminados (72,9%), 283 fragmentos datados entre os séculos XI/XII (12%), 257 fragmentos datados do século XI (10%), 77 fragmentos datados entre os séculos X/XI (3%), 20 fragmentos datados entre os séculos XII/XIII (1%), 16 fragmentos datados no século XII (1%), 2 fragmentos datados do século X (0,1%) e 2 fragmentos datados entre os séculos XI/XII/XIII (0,1%).

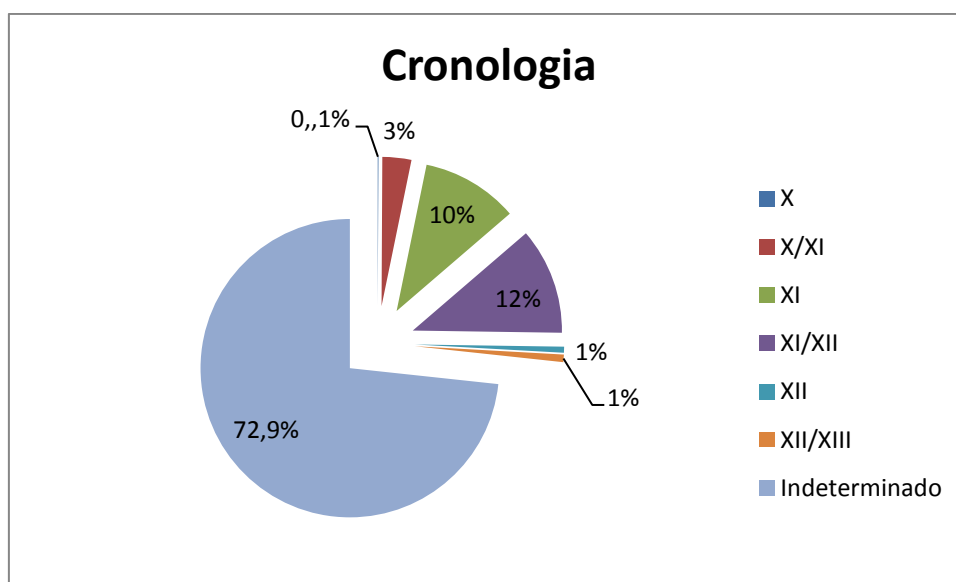


Gráfico nº 18 – Cronologia

Os paralelos encontrados situam-se não só por locais de Lisboa, mas também por outras cidades e vilas que estariam nas rotas marítimas ou terrestres desta mesma. Sendo cada vez mais óbvio tratar-se de uma cidade virada para o comércio, especialmente a população que vivia na zona ribeirinha. Assim encontrou-se paralelos para estas 657 peças alguns deles já referidos no capítulo 5.

No que respeita as peças de pé anelar com decorações obtidas através da aplicação de vitrado de cor castanha e traços pretos, podemos encontrar peças muito semelhantes às aqui apresentadas em sítios como Mértola e Lisboa (Torres *et alii*, s.d. e

Gomes *et alii* 2001). As peças apresentam uma cronologia que varia entre o século XI e XII.

Apesar de se encontrarem um pouco por toda a Península Ibérica, as peças decoradas a corda seca total e parcial estão normalmente associadas a importações luxuosas. Quanto á sua evolução decorativa sabe-se que teve inícios no período omíada aparecendo primeiramente a técnica de corda seca parcial que evoluiria a nível formal para a técnica de corda seca total. Relativamente às peças do conjunto da Casa dos Bicos podem mencionar-se paralelos com locais como Mértola e Silves e datam do século XII.

As peças com decoração pintada ou engobes nas cores branca, vermelha e preta, encontram-se bastantes fragmentos quer em peças sujeitas á ação do fogo, quer a peças sem essas marcas, a sua cronologia varia do século X ao XII. A única peça de louça dourada desta coleção tem paralelos encontrados em Mértola.

Em síntese trata-se de peças que a nível cronológico vão do século IX ao XII, que oferecem alguma variedade quer nas suas formas quer na sua decoração e variedade funcional.

8. Conclusão

Lisboa durante os séculos X-XI era densamente povoada, ocupando o recinto muralhado da cidade, tendo começado a estender-se em dois novos arrabaldes que iriam até as margens do rio Tejo. Será entre os séculos XI-XII que alcança o seu apogeu político e económico, ficando a ser povoada, por cerca de 50 mil habitantes.

Esta cidade terá sido sujeita a uma ocupação desde época pré-histórica com mais intensidade desde o período romano, sendo notório esse facto com os relatórios desta escavação. O local sobre o qual se debruçou esta análise encontra-se num dos arrabaldes na zona ribeirinha da cidade onde a presença humana era intensa. Milhares de fragmentos foram retirados durante as campanhas arqueológicas, mas o espólio referente ao período islâmico, encontrava-se por estudar. Espera-se com esta dissertação ter-se contribuído para o estudo arqueológico deste local apresentando-se então de seguida as possíveis conclusões tiradas.

Há que salientar uma vez mais que a maior parte dos fragmentos não eram portadores da informação respetivamente ao sector da sua proveniência, o que dificultou em muito, as conclusões a nível estratigráfico. No entanto há que ter em consideração ter-se tratado de uma escavação de emergência, impossibilitando assim que os trabalhos arqueológicos se entendessem a toda a extensão do edifício.

Tudo leva a crer que as ruínas islâmicas encontradas na Casa dos Bicos se tratassem de estruturas de despejo habitacional, teoria corroborada pelos materiais islâmicos estudados. É assim possível compreender a predominância de louça de cozinha, sobretudo as panelas e caçoilas que poderiam ter diferentes tipos de uso, o que não é de estranhar pois nesta época as famílias islâmicas usariam recipientes coletivos contendo a comida, ao invés dos dias de hoje, em que se utiliza recipientes individuais para as refeições. A louça de mesa é o segundo conjunto mais abundante nesta coleção, onde a variedade é maior, contendo jarrinhas, jarras, jarros, pratos, taças, tigelas e púcaros. Existiria algumas peças consideradas de luxo, decoradas a corda seca total, parcial e uma peça com reflexo dourado, no entanto estas seriam escassas.

A coleção cerâmica apresentada neste estudo tem sido coincidente com a cerâmica islâmica que vai aparecendo por todo o al-Andalus. A predominância da pintura em branco em detrimento da pintura a preto ou a vermelho não é de estranhar pois por

norma e tendo em conta outros locais estudados e com artigos publicados é a pintura que mais predomina por todo o Garb al-Andalus.

A cozedura a que as cerâmicas pintadas são expostas interfere com a tonalidade da cor, por vezes obtém-se uma cor mais clara, noutras uma cor num tom mais escuro, sendo que na cerâmica pintada a vermelho pode mesmo ser confundida facilmente com a pintura a preto.

As cerâmicas vidradas não são tão comuns nesta coleção mas também existem. Por norma só famílias com algum porte económico as poderiam adquirir. Encontram-se cerâmicas de corda seca total e parcial, de tons esverdeados, acastanhados, melados e pretos e um único fragmento de louça dourada. Este último é bastante interessante tendo em conta a sua escassez no espólio das coleções estudadas em Lisboa.

A nível decorativo esta coleção é bastante diversificada contendo cerca de 26 combinações de temas decorativos diferentes referidos no capítulo 6. As formas e os temas decorativos em muito são parecidos com as várias coleções provenientes do al-Andalus, não havendo por isso decorações ainda não conhecidas pela comunidade científica. As cerâmicas pintadas a branco preto e vermelho já são uma herança de época romana e Antiguidade Tardia, sendo uma continuidade de produção mas com a evolução nos temas ornamentais muitas vezes motivados pela religião.

A nível funcional foi possível aferir a existência de quatro grupos funcionais, Louça de cozinha (139 panelas e uma caçoila), Louça de mesa (5 jarrinhas, 7 jarras, 3 jarros, 2 pratos, 3 jarrinhos/púcaros e 11 tigelas), Objetos de iluminação (um candil) Objetos de uso lúdico e ritual (duas pedras de jogo).

No que respeita as cores das pastas encontra-se uma grande diversidade contendo 34 combinações. A maioria das peças apresenta pastas de cores claras, tanto na superfície como no núcleo. Este facto revela que a maior parte do conjunto cerâmico terá sido sujeito a uma cozedura oxidante. Quanto aos elementos não plásticos, é visível a forte presença da mica e do quartzo. Parece de um modo geral ir de encontro aos materiais encontrados no BCP e Mandarim do Chines centros produtores de cerâmica da cidade de Lisboa.

Os tratamentos de superfície aplicados nas peças varia consonante a sua função. É possível assim verificar que a louça de ir á mesa é a que apresenta mais peças

decoradas. A louça de cozinha apresenta na sua maioria decoração pintada a branco e vermelho. Destacam-se as tigelas e taças que revelam maior cuidado na sua decoração utilizando varias técnicas como as cores negras e castanhas, os melados, os verdes e negros, a corda seca total ou parcial e até um exemplar de louça dourada. São peças consideradas normalmente de luxo e que seriam apenas obtidas por famílias com algum poder económico.

Esta coleção cerâmica possui paralelos um pouco por todo o Garb al-Andalus, no que se refere as suas tipologias e decorações, essencialmente com Lisboa Coimbra, Santarém, Palmela, Mértola, Silves e Alcútem. Para além de se tratar de locais com alguns estudos de materiais cerâmicos efetuados, não nos podemos esquecer que a grande maioria estava ligada entre si por rotas comerciais, marítimas e terrestres. No entanto podemos considerar possível que a maioria destas peças seja de fabrico local, realizadas por oleiros que se dedicariam ao ofício, que sabiam como manusear o torno rápido e as técnicas de ornamentação e pintura. O comércio no antigo território islâmico era intenso e utilizava muito a via marítima para a sua comercialização. O rio Tejo quer pela sua navegabilidade quer por estar perto de algumas cidades importantes foi o grande impulsionador do rápido desenvolvimento da cidade de Lisboa, o que permite à cerâmica viajar de cidade em cidade sem dificuldade alguma, assim como as técnicas de produção e ornamento.

Falando agora na localização do local estudado é interessante constatar a sua proximidade junto à muralha de origem tardo-romana e perto do rio, permitindo assim para além da proteção a proximidade com as várias atividades praticadas na zona ribeirinha e a proximidade aos bens necessários. Seriam famílias viradas para atividades rurais, com carácter artesanal, voltadas para o comércio, dado a proximidade do local com a vida de comerciante na cidade.

Os materiais cerâmicos da coleção estudada sugerem na sua maioria uma produção oleira a nível local ou regional com o intuito de satisfazer as necessidades básicas da população, no entanto há materiais que poderão ter sido importados, o que não é de estranhar tendo em conta que Lisboa tinha um dos portos mais ativos e bem movimentados do al-Andalus.

Esta coleção cerâmica possui paralelos um pouco por todo o Garb al-Andalus, no que se refere as suas tipologias e decorações. O comércio seria intenso para esta cidade,

tendo o seu rio dado acesso a importantes cidades e portos comerciais, facilitando assim quer a chegada, quer a partida, de vários tipos de mercadorias, permitindo á cidade o seu bom desenvolvimento comercial e habitacional.

Bibliografia

AMARO, Clementino (1998) - *Arqueologia Islâmica em Lisboa: um percurso possível*. In Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo. Catálogo da Exposição. Lisboa: Instituto Português de Museus. Pp. 61-71.

AMARO, Clementino (1982) *Casa dos Bicos, notícia histórico-arqueológica*. Arqueologia, 6. Edições Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, pp. 96-111.

AMARO, Clementino (2001) – *Presença Muçulmana no Claustro da Sé de Lisboa – três contextos com cerâmica islâmica*. In Garb, Sítios Islâmicos do Sul Peninsular, Instituto Português do Território Arquitectónico – Junta da Extremadura, pp. 165-197.

ANONIMO – *Conquista de Lisboa aos Mouros em 1147. Carta de um Cruzado inglês que participou nos acontecimentos*. Apresentação e notas de José da Felicidade Alves. Lisboa: Livros Horizonte, 1989.

BUGALHÃO, Jacinta (2009) – *Lisboa Islâmica: uma realidade em construção*. In Xelb nº9 – Actas do 6º Encontro de Arqueologia do Algarve – o Gharb al Ândalus: sínteses e perspectivas do estudo (Silves, 23, 24 e 25 de Outubro de 2008). Câmara Municipal de Silves/Museu Municipal de Arqueologia, Silves, pp. 377-392.

BUGALHÃO, Jacinta *et alii* (2010) – *CIGA: Projecto de sistematização para a cerâmica islâmica do Gharb alÂndalus*. In. Xelb. Actas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, 22, 23 e 24 de Outubro de 2009. Silves: Museu Municipal de Silves. Nº 10 (2010) 455-476

BUGALHÃO, Jacinta e FOLGADO, Deolinda (2001) – *O arrabalde Ocidental da Lisboa Islâmica: urbanismo e produção oleira*. Arqueologia Medieval. Porto: Edições Afrontamento. 7, pp. 111-145.

BUGALHÃO, Jacinta, GOMES, Ana Sofia, SOUSA, Maria João (2003) – *Vestígios de produção oleira islâmica no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros Lisboa*, Arqueologia Medieval, 8, Porto, Edições Afrontamento, pp.129-191.

BUGALHÃO, Jacinta e GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2005) - *Lisboa, uma cidade do Mediterrâneo islâmico*. In Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII), Palmela: Câmara Municipal de Palmela/Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 237-262.

BUGALHÃO, Jacinta; SOUSA, Maria João; GOMES, Ana Sofia (2004) - *Vestígios de produção oleira islâmica no Mandarim Chinês*, Lisboa. Revista Portuguesa de Arqueologia. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. vol. 7, nº 1, Pp. 575-646.

CATARINO, Helena (2000): *O Castelo de Salir*: escavações da campanha de 1998, al-Ulya, n.º 7, pág. 77-128. Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé.

CATARINO, Helena *et alii* (2009) – *Coimbra Islâmica: uma aproximação aos materiais cerâmicos*. In Xelb nº9 – Actas do 6º Encontro de Arqueologia do Algarve – O Gharb no al-Andalus: sínteses e perspectivas de estudo (Silves, 23, 24 e 25 de Outubro de 2008). Silves: Câmara Municipal de Silves/Museu Municipal de Arqueologia. pp. 333-375.

FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (2004) – *O Castelo de Palmela: do islâmico ao cristão*. Lisboa: Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela.p.175-177.

GOMES, Ana *et alii* (2001) – *A cerâmica pintada de época medieval da Alcáçova do Castelo de São Jorge*. In Garb, Sítios Islâmicos do Sul Peninsular, Instituto Português do Território Arquitectónico – Junta da Extremadura, pp. 119-163.

GOMES, Ana, SEQUEIRA, Maria José, (2001) – *Continuidades e discontinuidades na arquitectura doméstica do período islâmico e após a reconquista da cidade de Lisboa: escavações arqueológicas na Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva*, Arqueologia Medieval, 7, Porto, Edições Afrontamento, pp. 103-110.

GÓMEZ, Susana (1997) – *Loiça dourada*, Arqueologia Medieval, 5, Porto: Edições Afrontamento, pp.137-162.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2004) - *Cerámica Islámica de Mértola: producción y comercio*. [Recurso electrónico]. Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense de Madrid. ISBN: 84-669- 2568-6.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2007) – *A cerâmica islâmica no Gharb al-Ândalus*. In *A produção de cerâmica em Portugal: histórias com futuro – Actas do Colóquio*, 2006. Barcelos: Museu de Olaria de Barcelos, 2007. ISBN 978-972-9138-64-5. p. 93-116.

LACERDA, Manuel; SOROMENHO, Miguel; RAMALHO, Maria Magalhães e LOPES, Carla (coords.) (2001) – *Garb, Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*. Lisboa: IPPAR/ Junta de Extremadura

LAFUENTE IBAÑEZ, Pilar (1999): La cerámica. In *Sevilla almohade. Catálogo de la Exposición*, pág. 207-224. Sevilla, Fundación de las Tres Culturas del Mediterráneo.

LOPES, Carla do Carmo e RAMALHO, Maria Magalhães (2001), *Presença islâmica no Convento de S. Francisco de Santarém*, Garb. Sítios Islâmicos do Sul Peninsular, Instituto Português do Território Arquitectónico – Junta da Extremadura, pp. 31-88.

LUZIA, Isabel (s.d) – *Cerâmicas Islâmicas da Cerca do Convento/ Loulé*. Loulé: Gráfica Comercial.

PAIXÃO, António Cavaleiro e CARVALHO, António Rafael (2001) – *Cerâmica Almoadas de Al-Qasr Al-Fath (Alcácer do Sal)*. In Garb, Sítios Islâmicos do Sul Peninsular, Instituto Português do Território Arquitectónico – Junta da Extremadura, pp. 199-229.

SIDARUS, Adel & REI, António (2001) - *Lisboa e seu termo segundo os geógrafos árabes*. Arqueologia Medieval. Porto: Edições Afrontamento. 7, pp. 37-72.

SILVA, Carlos Guardado da (2010) – *Lisboa Medieval: a organização e a estruturação do espaço urbano*, Lisboa, Edições Colibri, pp. 31-106.

SILVA, Rodrigo Banha da (2002) – *Ocupação Medieval na Praça da Figueira*. Comunicação apresentada ao Colóquio “Nova Lisboa Medieval”. Universidade Nova, Lisboa, Janeiro de 2002.

TORRES, Cláudio (1987) – *Cerâmica Islâmica Portuguesa*. Catálogo. Lisboa: Edição Fundação Calouste Gulbenkian.

TORRES, Cláudio (1992) – *O Garb-Al-Andaluz, História de Portugal*, dir. José Mattoso, Lisboa, Círculo de Leitores, pp.361-437.

TORRES, Cláudio, (1994) – *Lisboa Muçulmana*, Lisboa subterrânea, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, pp.80-85.

VEGAS, Catarina e ARRUDA, Ana Margarida (1999), *Cerâmicas Islâmicas da Alcáçova de Santarém*, Revista Portuguesa de Arqueologia, Vol. 2, número 2, Lisboa, pp. 105-186.

Anexos



Fig. 1 – Localização de Lisboa. (Fonte: Google Earth)

Forma Funcional

- 1 – Armazenamento e Transporte
- 2 – Louça de Cozinha
- 3 – Louça de Mesa
- 4 – Objetos de iluminação
- 5 – Objetos de uso doméstico
- 6 – Objetos de uso agrícola ou artesanal
- 7 – Objetos de uso lúdico e ritual
- 8 – Material de construção

Louça de mesa

1 – Bilha

2 – Garrafa

3 – Jarro

4 – Púcaro

5 – Jarra

6 – Copo

7 – Taça

8 – Tigela

9 – Terrina

10 – Prato

11 – Indeterminado

Bordo

1 – Introvertido

2 – Vertical

3 – Extrovertido

4 – Indeterminado

Lábio

1 – Arredondado

2 – Plano

3 – Biselado

4 – Afilado

5 – Espessado

6 – Semicircular

7 – Triangular

8 – Quadrangular

9 – Aba

10 – Inflexão dupla

11 – Indeterminado

Boca

1 – Circular

2 – Oval

3 – Polilobulada

4 – Retangular

5 – Quadrangular

6 – Poligonal

7 – Indeterminado

Colo

1 – Cilíndrico reto

2 – Cilíndrico curvo

3 – Troncocónico reto

4 – Troncocónico curvo

- 5 – Troncocónico invertido reto
- 6 – Troncocónico invertido curvo
- 7 – Bitroncocónico reto
- 8 – Bitroncocónico invertido reto
- 9 – Indeterminado

Corpo

- 1 – Cilíndrico
- 2 – Globular
- 3 – Troncocónico
- 4 – Troncocónico invertido
- 5 – Bitroncocónico
- 6 – Bitroncocónico invertido
- 7 – Ovoide
- 8 – Calote ovoide
- 9 – Calote esférica
- 10 – Piriforme
- 11 – Piriforme invertido
- 12 – Indeterminado

Carena

- 1 – Alta suave
- 2 – Média suave

3 – Baixa suave

4 – Alta marcada

5 – Média marcada

6 – Baixa marcada

7 – Dupla suave

8 – Dupla marcada

Asa

1 – Vertical

2 – Horizontal

3 – Diagonal

4 – Zenital

5 – Sobrelevada

Localização da asa

Junção Superior

1 – Base

2 – Carena

3 – Colo

4 – Corpo

5 – Lábio

6 – Ombro

Seção da asa

1 – Circular

2 – Oval

3 – Triangular

4 – Fitiforme

5 – Fitiforme com nervura (s)

6 – Duplo círculo

7 – Indeterminado

Base/Pé

1 – Convexa

2 – Plana

3 – Côncava

4 – Em ônfalo

5 – Pé anelar

6 – Em bolacha

7 – Pé alto maciço

8 – Pé alto sobre prato de sustentação

9 – Indeterminado

Medidas

- Diâmetro do bordo

- Diâmetro da base

- Largura
- Comprimento
- Espessura da parede
- Espessura das asas

Referências

- Referências
- Paralelos

Cronologia

Século

1 – VIII

2 – IX

3 – X

4 – XI

5 – XII

6 – XIII

Técnicas de fabrico

1 – Manual

2 – Torneado lento

3 – Torneado rápido

4 – Misto

5 – Indeterminado

Cozedura

1 – Redutor

2 – Oxidante

3 – Redutor/Oxidante (interior)

4 – Oxidante/Redutor (interior)

5 – Oxidante Irregular

6 – Redutor irregular

Acabamento interior dominante

Acabamento exterior dominante

1 – Alisado

2 – Barbotinado

3 – Brunido

4 – Engobado

5 – Espatulado

6 – Grosseiro

7 – Pintado

8 – Vidrado

Técnica de ornamentação interna

Técnica de ornamentação externa

1 – Aplicação plástica

2 – Barbotina

3 – Canelura

4 – Corda seca

5 – Digitação

6 – Engobe

7 – Esgrafitada

8 – Estampilha

10 – Incisão

11 – Molde

12 – Pintura

13 – Recorte

14 – Roleta

15 – Vidrado

Cor da ornamentação no interior

Corda da ornamentação exterior

1 – Alaranjada

2 – Amarela

3 – Azul

4 – Bege

5 – Branca

6 – Castanha

7 – Cinzenta

8 – Cinzenta acastanhada

9 – Dourada

10 – Melada

11 – Melada acastanhada

12 – Melada esverdeada

13 – Preta

14 – Rosada

15 – Verde

16 – Vermelha

Motivo ornamental exterior

Motivo ornamental interior

0 – Indeterminado

1 – Antropomórfico

2 – Arquitetónico

3 – Círculos

4 – Cordão digitado

5 – Epigráfico

6 – Estrelado

7 – Fitomórfico

8 – Pingos

9 – Reticulado

- 10 – Traços curvos
- 11 – Traços diagonais
- 12 – Traços horizontais
- 13 – Traços verticais
- 14 – Ziguezague
- 15 – Zoomórfico
- 16 – Motivos florais
- 17 – Outro

Localização da ornamentação no interior

Localização da ornamentação no exterior

- 0 – Indeterminado
- 1 – Asa
- 2 – Bordo
- 3 – Colo
- 4 – Corpo
- 5 – Fundo
- 6 – Lábio
- 7 – Totalidade da peça

Fig.2 – Metodologia adotada para o estudo dos materiais cerâmicos de acordo com os critérios definidos pelo CIGA (Bugalhão *et ali*, 2010).



Cerâmica Islâmica do Gharb Al-Ândalus
BASE DE DADOS
FICHA DE ESTUDO



Centro de
Estudos
Arqueológicos
das Universidades de
Coimbra e Porto



Número de ficha	
Número inventário	
Ano	
Sondagem	
Quadricula	
Unidade estatigráfica	
Grau de conservação	
Forma Funcional	
Tipo de Objecto	
Bordo	
Lábio	
Boca	
Colo	
Corpo	
Carena	
Asa	
Secção da asa	
Junção superior	
Junção inferior	
N.º de asas	
Pega	
Cabo	
Bico	
Base	
Pé anelar	
Pasta Cor ext.	
Pasta Cor centro	
Pasta Cor int.	
Elem. não plásticos	
Tamanho	
Textura	
Fabrico	
Cozedura	
Acabamento ext.	
Acabamento int.	
Defeitos	
Alteraç. após fabrico	
Tipo de alterações	
Técnica dec. int.	
Cor dec. int.	
Local da dec. int.	
Motivo dec. int.	
Técnica dec. ext.	
Cor dec. ext.	
Motivo dec. ext.	
Local da dec. ext.	
Diâmetro Boca	
Diâmetro Base	
alturamax	
LarguraMáxima	
comprimentomax	
Espesura	
espesura asas	
Cronologia	
Século	
Fracção	
Paralelos	
Observações	
Ficha verificada	

Fig.3 – Fixa de estudo usada no estudo da coleção cerâmica.



Fig. 4 – Localização da Casa dos Bicos (Fonte: Amaro, 1982:97)

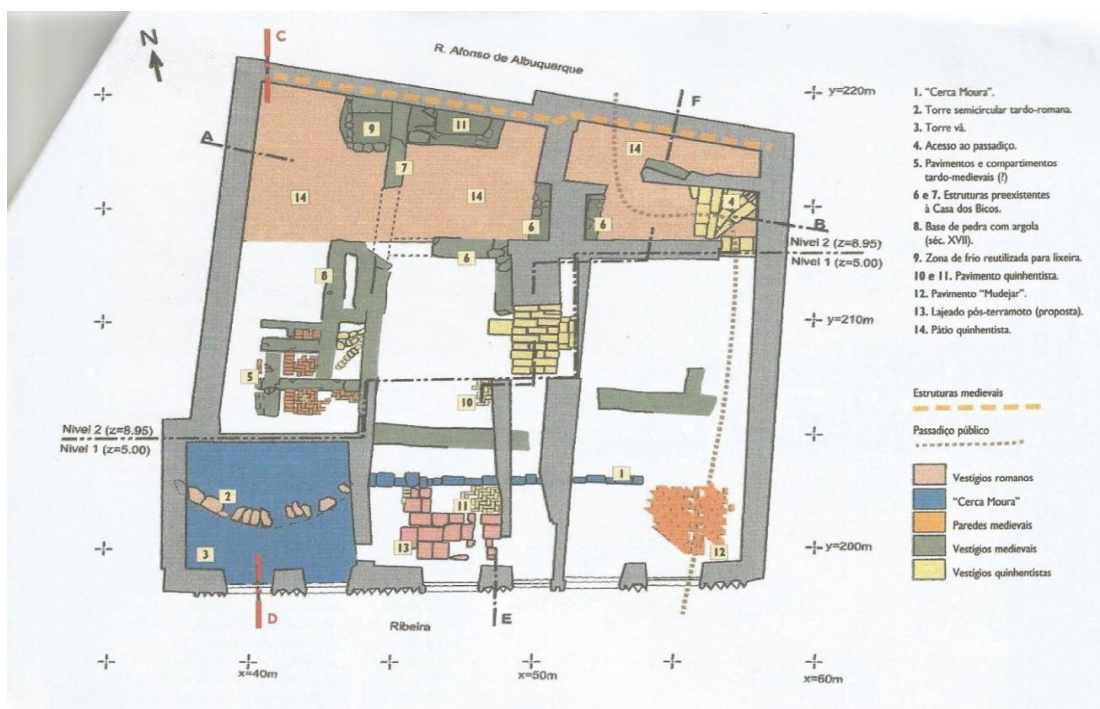


Fig. 5 – Desenho da plana da escavação (Fonte: Sepúlveda e Amaro, 2007:3).

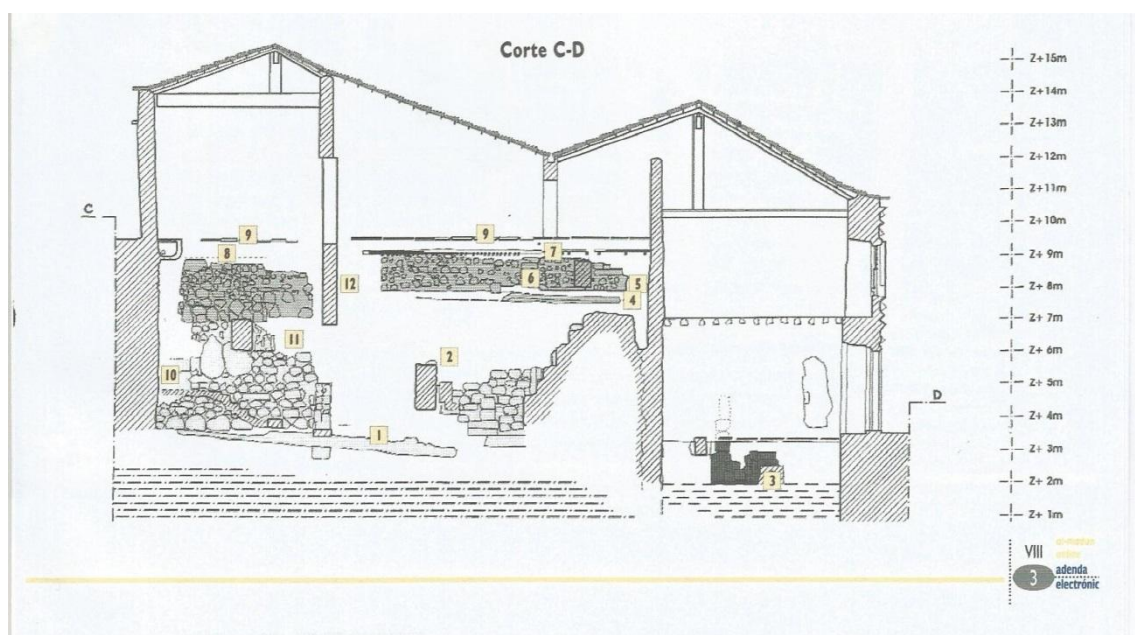


Fig. 6 – Desenho do corte C/D (Fonte: Sepúlveda e Amaro, 2007:3).

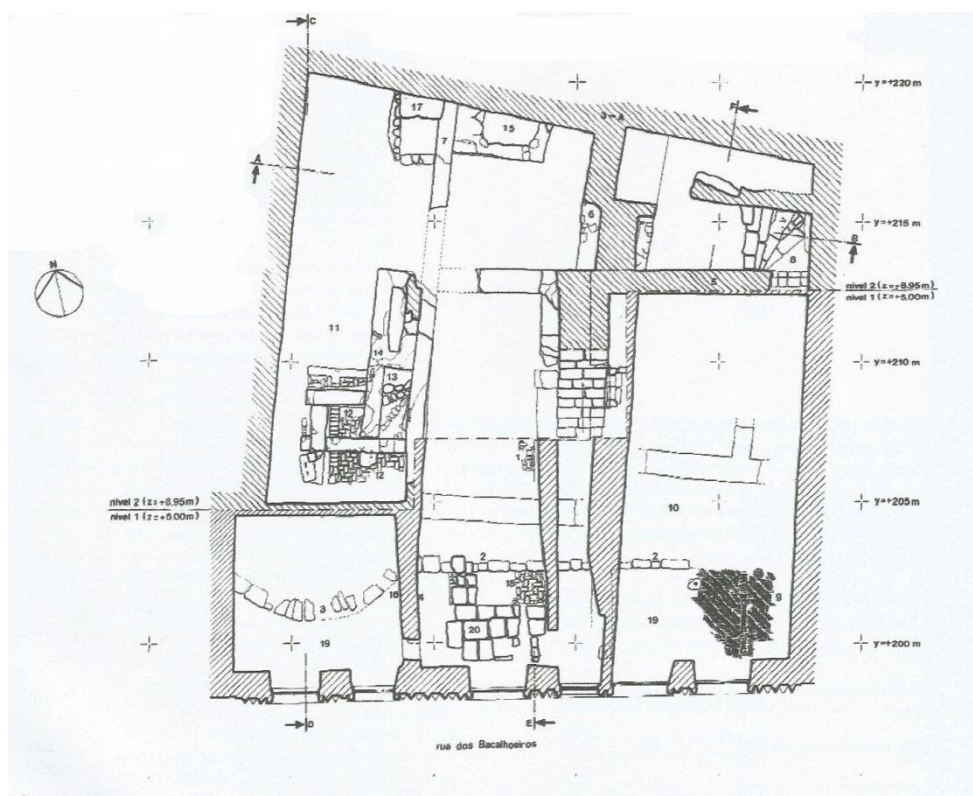


Fig. 7 – Desenho da plana da escavação (Fonte: Sepúlveda e Amaro, 2007:4)



Fig. 8 – Panela 1A peça nº 2091



Fig. 9 – Panela 1B peça nº 2386



Fig. 10 – Panela 1C peça nº 2624



Fig. 11 – Panela 1D peça nº 2420



Fig. 12 – Panela 1E peça nº 2133



Fig. 13 – Panela 1F peça nº 2627



Fig. 14 – Panela 2A peça nº 2416



Fig. 15 – Panela 2B peça nº 2513



Fig. 16 – Panela 2C peça nº 2224



Fig. 17 – Panela 2D peça nº 2651



Fig. 18 – Panela 3ª peça nº 1963



Fig. 19 – Caçoila peça nº 2674.2675.2676



Fig. 20 – Candil peça nº 2772



Fig. 21 – Tigela 1A peça nº 2203



Fig. 22 – Tigela 2A nº 2729



Fig. 23 – Tigela 3A n° 2743



Fig. 24 – Prato 1A n° 2412



Fig. 25 – Prato 2A n° 2734



Fig. 26 – Taça nº 1353.2472.2484.2751.2774



Fig. 27 – Jarro nº 2431



Fig. 28 – Jarrinho/púcaro 1A nº 1199

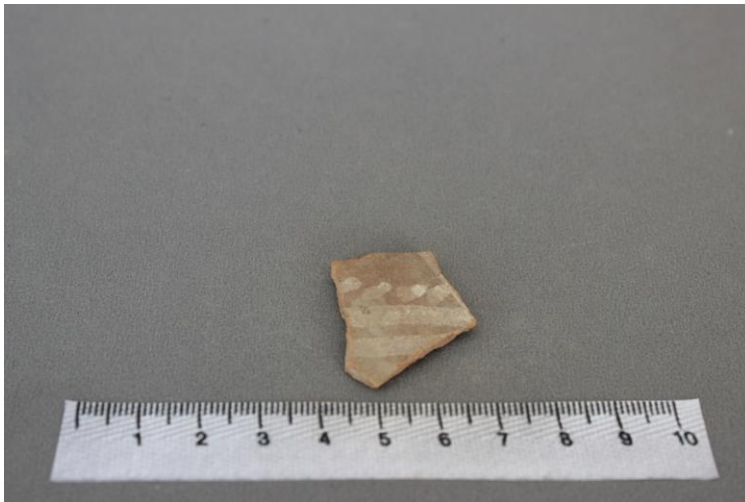


Fig. 29 – Jarrinho/púcaro 1B nº 900



Fig. 30 – Jarra 1A nº 1522



Fig. 31 – Jarra 1B nº 608



Fig. 32 – Jarrinha 1A nº 1426.2277



Fig. 33 – Jarrinha 1B nº 973



Fig. 34 – Pedra de jogo nº 1941